

M. A. TEIXEIRA DE FREITAS

O IDEALISMO
E O
ESPERANTO

(DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO INAUGURAL
DA I CONVENÇÃO FLUMINENSE DE ESPERANTO,
REALIZADA NO SALÃO NOBRE DO LICEU NILO
PEÇANHA, EM NITERÓI, A 5 DE NOVEMBRO DE 1953)

R i o — 1 9 5 4

SUMÁRIO — 1. Exórdio. — 2. Ser ou não ser. — 3. O Idealismo, princípio de ação. — 4. Idealismo e Esperanto. — 5. As certezas do Esperanto. — 6. Os vossos e os meus propósitos. — 7. O idealismo dos Fluminenses. — 8. A Ação Esperantista Fluminense e o seu Patrono. — 9. O Esperanto e a Estatística. — 10. Aplauso, agradecimento e augúrio.

Meus Senhores.

Ultrapassada a curva da História, que encerrou a Segunda Guerra Mundial, começamos a compreender as promessas e as ameaças da Realidade Nova. Os “novos tempos” que vão surgindo do fundo do Tempo.

Ainda esfumada, mas deixando entrever o futuro, já nos olha de frente a Nova Esfinge, tão bela e tão aterrorizante, que nos traz a Era Atômica, cujo pórtico a Humanidade acaba de transpor. E eis que, em todos os recantos da terra, os corações se sentem perplexos e angustiados, hesitantes entre interrogações dolorosas, a que ninguém sabe responder.

Mais uma vez o Homem vai viver transe decisivos do seu destino.

Tal quando se prenunciam e sobem do horizonte as grandes tempestades, os bulhões já enchem os céus, cavalgando ventos furiosos. E tomam posição. Rasgam-se em relâmpagos que deixam transidos de pavor os olhos a quem deslumbram. Sabe Deus sob que estratégia inescrutável, os sombrios e gigantescos fantasmas levam consigo, para ali e para acolá, potenciais que ninguém pode calcular. E todos já o sentimos, não lhes tardará o entrechoque no auge do furor destrutivo, quando se desencadearem as fôrças que ora se separam e se acumulam sob sinais contrários. Entre essas fôrças, algumas já começam a investir contra as outras. E tôdas estão prontas a se repelirem mutuamente, no mesmo instante, em convulsões titânicas. Como legiões enlouquecidas e lançadas numa determinação cega. Só querem entredestrui-se. E caminham sem atentar em que se hão de dissipar, afinal, no silêncio e na imobilidade das imensas frustrações, onde sempre terminam os vãos conflitos humanos. Será o rescaldo, de trá-

gica tranqüilidade, das contendidas ciclópicas, que outra coisa não deixam, após si, senão o estendal funéreo das energias e das vidas sacrificadas inútilmente...

Isto é a fatalidade cósmica. Na procura insana, sem discernimento, de um novo equilíbrio, ainda que seja o da morte... Assim irrompem as fôrças evolutivas que querem abrir caminho, mas despreocupadas de escolhê-lo. E permanecem na dolorosa ilusão de que possam retomar um dia, como troféu de vitória, o sublime destino que haveriam de construir fàcilmente, se cedo houvessem aprendido a afirmar-se na solidariedade compreensiva, em vez de se antagonizarem e separarem dementadamente, em lutas dolorosas e trágicas.

Que virá depois? Quem poderá prever a extensão catastrófica do choque terrífico? Quem será capaz de discernir o que vai ser sacrificado e o que terá de continuar, quando tudo estiver consumado? Ninguém dentre os humanos o poderá dizer...

Assim se deixa ver esta hora de ansiosa espera e frenéticos preparativos de guerra, que a Humanidade está atravessando. Parece que a luz já se está apagando. Não há mais confiança e alegria em parte alguma. Tudo ressuma ódio e insídia. Rumores sinistros de manobras subterrâneas anunciam os mais terríveis golpes de surpresa e destruição, de que jamais a história do Planeta foi testemunha.

Ninguém, seja qual fôr a retidão de sua conduta, sejam quais forem as precauções de sua prudência, está seguro do caminho que terá de trilhar, dos transes que atravessará, nas horas terríveis que se aproximam.

E as ameaças crescem. Dínamos ocultos e profundos roncam surdamente noite e dia, ameaçando de morte tudo e todos que interferirem, voluntariamente ou não, na renovação sombria que se promete à face da Terra. E as primeiras explosões atômicas já começaram a levantar a cortina para o novo drama da Humanidade. O maior de todos os dramas humanos, o que lhe pode trazer o mais trágico e miserável dos transes... Não tardará que soe a hora do Cataclismo, se um milagre de fé nos destinos do Homem não conseguir detê-lo.

A Humanidade dividida, tendo nas mãos fratricidas armas com que jamais sonhara — bem a conhecemos, na sua fatal cegueira!... — não hesitará em desencadear golpes fatais e fatídicos.

Entretanto, . . . ainda há um raio de esperança! Dos corações ainda não desertou a Confiança. Acontecimentos providenciais — quais pára-raios místicos — podem ainda derivar as forças que se levantam furtivamente umas contra as outras, procurando o momento azado para o salto felino da Grande Traição. E talvez essas forças ainda consigam retomar movimentos de vida e de solidariedade. Ou trazer-nos um rasgo de inteligência e de compreensão, em vez dos ímpetos selvagens de estupidez e cega crueldade, que forcejam por se desencadear sem limitação alguma. Deus queira que assim aconteça; que assim ainda possa acontecer. . . . Porque a ferocidade da destruição iminente é tão grande, vai atingir tão ao fundo os arcanos do mundo, que pode resultar, na tragédia sem par, sejam eliminados ambos os contendores, quando não o próprio cenário cósmico da sua loucura multitudinária. . . .

Estas forças de paz, de harmonização e reconciliação, elas também estão em movimento. Mas a sua interferência só poderá restituir a tranqüilidade ao Mundo, se antes do derradeiro instante desta calma podre — porque superficial — em que respira a custo a civilização, o Mundo lograr a graça de um vislumbre de razão e de bom senso, e consinta em abrir as suas portas para lhe aceitar, confiante e reverente, a mediação.

Eis, portanto, que em atitudes duplamente antagônicas, uma contra a outra e as duas contra a terceira, no cenário amplo da história se defrontam três forças ideológicas como tríplice realização do Idealismo Humano, que procura sôfrego a realização de um sonho de grandeza e de domínio. Dois dêles querem destruir para permanecer. Mas se permanecer um ou outro, êste quer continuar a linha evolutiva do passado, aquêle quer que triunfe, sem contraste, um ideal de renovação contraposto, em antítese absoluta, ao que a outra parte do Mundo ainda julga merecedor de conservar-se. Entretanto, está presente também a Terceira Fôrça, e esta sabe que nenhuma das outras duas está totalmente com a verdade, nenhuma delas está completamente em êrro. Há muito que conservar e muito que corrigir de um lado e doutro. E ambas não têm razão quando pensam poder conseguir uma solução por meio da fôrça material.

Tôda a verdade quer manifestar-se. E esta também está em marcha.

Por entre o rubro flamejar das fôrças que querem, custe o que custar, forjar macissos e inamolgáveis modelos para as formas sociais porvindouras, também se entremostram os lampejos côr da esperança, que significam a presença da Fôrça Medianeira, que àquelas se opõe, mas na contrariedade pacífica. Esta é a Fôrça que quer “mudar”, “transmudando”. A tudo modelando com sutileza e suavidade, segundo linhas de harmonia como as que fazem a glória das corolas quando entoam a sinfonia do aroma e da beleza... Isto é, modelando delicadamente, aproximando e unindo, o que a incompreensão separa e antagoniza. E que pretende essa Terceira Fôrça em relação às outras duas? Um “bem pouco” que é “tudo”. Mudar-lhes a direção. A côr de esperança das suas manifestações é o testemunho e o penhor de que será capaz de sublimar a discórdia na concórdia. Ela evoca e exemplifica a harmonia e serenidade das frondes esmeraldinas, silenciosas mas ativas, que no segrêdo unitivo da clorofila, realizam a foto-síntese, o milagre da vida. Porque tudo sabem renovar, aproximar, harmonizar e transformar. Como impulsos onipotentes para superar as diferenças, a retoucar o mundo de comas verdejantes, que levam consigo o mistério, e trazem em si as promessas jubilosas, das flores e dos frutos.

A Medianeira, contudo, que é que ela tem na mão e levanta tão alto? Um “sinal” palpitante a drapejar ao vento... A bandeira alviverde do Consentimento e da Compreensão. O símbolo da luz configurante, que traduz o infinito das formas do Espírito, e as faz irradiar e cintilar; e da luz que tudo liga e sustenta, nas construções primordiais da natureza.

Quem vencerá? Impossível profetizar. Porque daquilo que nos pode parecer a suprema derrota, Deus sabe colhêr suas supremas vitórias. Só há que confiar e esperar, agindo sempre. O que vier, seja o que fôr, resultará “o melhor”.

Jamais, porém, se terá o direito de descrever das fôrças da fraternidade e da concórdia. É lícito confiar sempre em que, estando elas ainda presentes — e bem as vemos conosco — sejam capazes de dominar os ímpetos da invidia fratricida de Caim. Contudo, algo urge. É preciso que as fôrças da Paz se apressem. E multipliquem-se, como os pães miraculosos, sôbre os quais desceu a bênção providente. Que elas corram, e acorram. A espalhar diligentes e pródigas a semente da confiança e do respeito mútuos entre os homens. E se interponham sob as va-

riadas formas possíveis, levando a tôda a parte, em lugar dos holocaustos sangrentos, a hóstia branca e imaculada do Sacrifício. Do sacrifício consentido, de cada um por todos e de todos por um. A hóstia pacífica capaz de quebrar os antagonismos irreductíveis, e mudar definitivamente a direção das fôrças que se movem para o choque, a chacina, e assim levá-las à composição que as conjugue e irmane, imprimindo um sentido de vida ao sentido de morte que elas levam consigo.

Sim. Não há tempo a perder. Caminhe depressa, e impetuosamente, também êle, o Idealismo da Paz. Sua ação é por natureza bem lenta, opera através da persuasão, da compreensão, da demonstração. Porque importa que vença e predomine, mas deixando nos espíritos a certeza de que são sempre amargos os frutos da violência e de inigualável doçura os pomos da concórdia e da confraternização. Mas quando essa certeza desce sôbre os espíritos, também os corações já se movem dôcilmente para a sua harmoniosa gravitação; já seus movimentos espontaneamente formam a sinfonia universal da paz, cuja beleza e maravilhoso poder se fazem a fonte das supremas alegrias da vida. E estas são aquelas que brotam do seio das comunidades humanas, quando se lhes faz cristalina e luminosa, a consciência de estarem colaborando para que prevaleçam, no mundo, as obras perfeitas do Bem e da Verdade.

Ansiosa interrogação, então! Será que as fôrças pacíficas já estejam plenamente despertas, vigilantes, ativas? Já se deram elas, nesta hora crucial, a consciência clara de que são poucos, muito poucos, os instantes ainda disponíveis para que a estratégia da paz e a tática da pacificação possam ser eficazmente dispostas? Estar-se-á efetivamente realizando algo que possa contribuir para remover os conflitos e os desentendimentos, proscrever o ódio e a ambição desvairada, da face da terra? E o que já se fez é tudo quanto se possa fazer para promover a concórdia e as relações da amizade sincera entre os homens, nesta hora em que os Cavaleiros do Apocalipse se aproximam com as suas botas de sete léguas, em ríctus horrendo já entremostam a catadura feroz das supremas decisões, como outras semelhantes jamais encheram a humanidade de terror, angústia e sofrimento?

A tôdas essas perguntas, menos a última, é justo responder que sim. As fôrças da conciliação, aquelas fôrças

que enlaçam sem escravizar, tecendo os vínculos sutis da ajuda mútua, de que surge a harmonização libertadora, essas forças, sim, já estão ativas, bastante ativas, no mundo inteiro. Vão tentando desarmar os braços dos dois titãs que se defrontam para desgraça da humanidade. Se é certo que êles já esboçam os golpes arrasadores que esperam desferir com êxito fulminante, também é verdade que em tôda a parte as forças espirituais contrapostas à violência e à cruel destruição dos adversários, já procuram iluminar os espíritos, persuadindo-os de que não haverá benefícios da luta, nem serão compensados os contendores, dos riscos que vão correr e dos sacrifícios a que estão dispostos, para levar adiante os propósitos de imposição violenta dos seus ideais, dos seus interesses, das suas ambições. E aquelas forças benignas procuram, também, levar a efeito neutralizações parciais, nos pontos de maior tensão dos ímpetos agressivos, derivando a violência dos choques virtualmente já desencadeados, e deixando manifesto, ao mesmo tempo, que os processos pacíficos podem, de facto, superar tôdas as antinomias, dominar quaisquer antagonismos, realizar as transformações desejáveis sejam elas quais forem, implantar a justiça em todos os planos da vida internacional, criar formas sempre mais e mais harmoniosas para a vida de cada povo, e tornar a convivência internacional a fonte mais próspera da riqueza, do bem-estar e do progresso para todos os povos. E sem desgraçar ninguém; sem sacrificar quem quer que seja; sem pedir nada que não retribua centuplicadamente. Ainda mais. Sem destruir, nem mesmo pôr em perigo, a precária ordem que a humanidade já edificou. E poupando com o mais desvelado carinho os bens de cultura que os homens já puderam conquistar. E sem deixar que se perca uma só das idéias generosas que tenham ridentemente florescido no seio de qualquer nação.

Mas, infelizmente, — e aí está o lado sombrio do prognóstico — nem tudo que poderia e deveria estar feito, já foi feito. Nem sequer foi ainda visto, nem muito menos compreendido devidamente, que a humanidade já possui, escondidos no seio, um Bálsamo maravilhoso e um Elixir inigualado. Elixir e Bálsamo, que são capazes de operar o milagre de lhe acalmar a febre de loucura que a requeima interiormente, e abrandar os sofrimentos torturantes das feridas que já lhe sangram ou ainda vierem a sangrar.

Não, Senhores! Não foi feito ainda o melhor que a humanidade poderia empreender no intuito de prevenir ou afastar a tempestade, e definitivamente instaurar a alegria de viver entre os homens. E entretanto, é preciso, é urgente, que os Governos e os Povos, os Líderes e as Comunidades, que ora se movem sem rumo — ou com rumo errado — nos cenários da História, e a estão vivendo tão mal, e a estão construindo, ainda, ao arrepio do seu glorioso destino, acordem afinal. Acordem, ergam os olhos para o alto, e deixem os corações procurar as paragens edênicas por que anseiam. Acordem, na madrugada de um porvir verdadeiramente de glória e de ventura, para a clara consciência que precisa dominar — que há de dominar — todo o panorama humano, tanto o social como o político.

Seria isto difícil de compreender? difícil, aceitá-lo? difícil, praticá-lo? Meu Deus! Onde estaria tanta dificuldade?! Não há dificuldade nenhuma. Àquela compreensão, àquela aceitação, àquela prática, não se antepõe barreira alguma. A não ser a displicência com que os homens se recusam a pensar no seu próprio destino como unidades conscientes do Gênero Humano. Como membros desta Comunidade Maior — obra-prima de Deus e ela própria semidivina — a que foi dada a organização e a regência do Mundo; que surgiu, como plano de conciliação e intermédio, para a Vida que se polarizou entre o Bem e o Mal, a Benignidade e a Rebeldia. Mundo que à Vida há de propiciar a suprema vitória da rearmonização perfeita — a que prenderá, em um destino solidário, o que foi pôsto “no Alto”, e tudo quanto a si mesmo se quis colocar “em Baixo”. Bastará um pouco de reflexão; que haja um pouquinho de sinceridade; um átimo de boa vontade. Não importa que ainda haja de imperar o egoísmo; basta que êste seja o egoísmo bem compreendido, onde exista, ao menos, algum sentimento de fraternidade e o desejo reto de justiça. E estará lançado o disco... E a meta será vitoriosamente, jubilosamente, gloriosamente atingida. Porque, como ficou dito no primeiro “hino de fraternidade” a que o Esperanto, ainda em ser, deu lugar, e que foi cantado pelos seus “sete primeiros Amigos” a 5 de dezembro de 1879, —

“Com os velhos ódios das nações
É já tempo de acabar!
E numa família a Humanidade
Finalmente congraçar”.

SER OU NÃO SER

Meus Senhores:

Ser ou não ser — eis o implacável dilema da Vida, na visão shakespeareana. Como “afirmação” ou como “negação” daquilo que deve ser, daquilo que *há de ser*, pelo sim, ou pelo não, porque assim o decretou a Vontade d’ “Aquêle que É”. Augustiosa alternativa, que o Homem há de enfrentar e resolver. E a resolverá a seu bel-prazer, árbitro e arquiteto do seu destino, na plenitude da liberdade que a munificência divina lhe concedeu. Eis que há de conquistar ou repelir, êle próprio, a sublimação do ser na sinfonia inexprimível da Divina Essência. Sendo ou não, como quiser e preferir, aquilo que pode ser, terá a luz ou a treva; o amor ou o ódio; a ascensão ou a queda. A seu livre alvedrio; ou o norte eterno da Verdade, que lhe dará a Vida Verdadeira, ou o desnorteamento eterno da Ilusão, apoiando-se na falsa e tenebrosa certeza de que a Vida é mentira e a verdade é o morrer eterno.

Como visão, sentimento e ideal, o universo se nos resume nisto. Nada mais podemos ver, sentir ou idealizar, senão isto. Como norte, conteúdo e fim último da Vida, só podemos ver e querer, ou o que é Verdade ou o que não é a Verdade. O sentido positivo e o sentido negativo. O sim ou o não. O sim, porque o mundo é lógico, obedece inexoravelmente à verdade e possui o fim que esta lhe determina; ou o não, que é o não ter, jamais, um fim verdadeiro — o fim de um eterno recomeçar sempre novo, mas atribuir-se irreversivelmente o falso fim de um finar eterno.

Um é o sentido que constrói, e alimenta o ânimo de construir sempre mais e melhor. É-lhe implícita a Perfeição, como o dom de não se esgotar jamais, porque se potencializa a cada fim que alcança. Fonte inexaurível do sentimento sublimado na perpétua alegria. O outro, ao invés, na certeza sombria da descida que não acaba nunca, porque quer acabar no Nada inatingível, é o sentido que derruba, desfaz e dispersa; sem nada conservar, a não ser o desejo torturante — e a esperança sempre frustra — do aniquilamento. Êste, o que suscita, a única cousa que pode suscitar, é a desarmonia feita hediondez jamais esgotada e sempre desejada, a erguer, alternadamente, o furor insano das revoltas que nunca se apaziguam, que se

remontam a si mesmas na autodestruição em que se querem ver perpetuadas.

Eis o duplo panorama sem t ermo, sempre v ario e sempre o mesmo, que a alma humana encontra diante de si, quando quer ver, ou não quer ver, "o céu cheio de estrêlas". Entre essas duas "faces" da Vida   que há de firmar sua preferência a eterna peregrina — a Humanidade.

A êsse destino,   responsabilidade desta op o, não pode o Homem fugir neste plano da vida. Ser ou não ser... Crer que é, ou crer que Não  . Logo crer ou não crer. Ter fé ou não ter fé em que um destino lhe está oferecido, e que terá de aceitar no sentido que preferir, como destino de vida ou como destino de morte. Porque, ou o homem será "como Deus", ou será "como se nada fôsse". Esta   sua missão. Missão que ninguém poderá recusar, porque cada um a aceitará como o entender. Como quer que prefira cada qual, o que haverá sempre, o que não pode deixar de haver, é a eternal labuta, o esforço demiúrgico de construir o mundo da luz. Para torná-lo habitável pelo amor; para levá-lo sempre para o alto, rumo ao infinito. Sempre e sempre... Quaisquer que sejam as energias destruidoras que a liberdade, quando dementada e malévola, lhe possa suscitar. Pouco importa a sua violência, a sua obstina o sem fadigas nem remissões; porque fatalmente será vencida, diante do poder ilimitado da Vontade, da Inteligência e do Cora o do Homem, que sabe e quer inovar e renovar, também nisto não menos obstinado e igualmente infatigável. Contrapondo apenas   treva, a luz que ilumina, e sôbre-ilumina; ao ódio, o amor, que se doa sem cessar, e perdoa incans velmente; e ao desgarrar, a âncora que o det m e o transforma, depois, no rotear seguro para o pôrto desejado.

Tôda a vida, tôda a história, todo o destino do Homem, está nisto. E isto é tudo. E a certeza tranqüila de que nada mais há, nada mais importa, que não seja isto, é a fonte inesgotável da confiança, da coragem, da pertinácia, do espírito de paciência e sacrifício, que precisam ter, e devem ter, todos quantos já se deram a consciência de que estão construindo o Mundo, e s o, por isso mesmo, outros tantos construtores de "mundos" a seu bel-prazer. Êstes s o erguidos, porque se ergueram a si mesmos, ao nível das Potências e Virtudes que hão de levar a Huma-

nidade, seja quando fôr e onde fôr, ao alto das Dominações e dos Tronos, na seqüência ilimitada das idades, como testemunho do triunfo imortal do Bem e da Verdade, no seio glorioso e refulgente daquela extasiante e insuperável Harmonia das Esferas, cuja contemplação iluminou a alma incomparável do filósofo pagão, aquêle que, em plena irradiação do gênio helênico, melhor soube compreender e fazer compreender a suprema fôrça e a “realidade” indestrutível do Ideal.

Platão, o filósofo do idealismo realista, trouxe algo de novo à Humanidade desnorteada pelas filosofias e religiões que ainda não sabiam, ou *já não* sabiam, ver a Mística da Idéia. Trouxe-lhe o Mistério do Verbo, a exprimir o “ministério” redentor da Verdade. Ministério que se realizaria como a fôrça invencível que, pela porta da humanização perfeita, viria, na pessoa de Cristo, acender no mundo o fogaréu imperecível do amor fraternal, que o está conduzindo agora, através das incertezas da hora presente mas já com rumo certo, à plena realização do seu destino milenário.

E a idéia, seja como “idealidade”, a realidade mental do Mundo que a concepção negativista da matéria procura destruir; seja como “idealismo”, isto é, a fôrça ascensional que tende incoercivelmente para a harmonia, a perfeição e a santidade; ou também seja, como a simpatia, a fraternidade, a benevolência e o amor; — a Idéia, o Logos universal, o Verbo de Deus, “se fêz homem e veio habitar entre nós”. Para oferecer-nos no sacrifício sem igual do “Deus feito Homem”, o fanal inextinguível da luz surgente do amor, que conduzirá o Homem. Luz que vai guiando a cada um e a todos os filhos de Adão pela estrada eterna ao longo da qual sôbre o gênero humano vá descendo, a pouco e pouco, o “Espírito de Deus” — aquela Superconsciência que a todos conduzirá à condição vitoriosa de “homens em Deus”, na realização final da Idéia que levou o Ser Divino a fazer do Homem o seu filho, fazendo do seu Filho, um homem: o Filho do Homem, o Novo Adão.

Essa a razão de ser do vosso generoso idealismo, que também é amor, e é capaz de mover “o sol e tôdas as estrêlas”... É a procûra da Verdade, para implantar a paz, a justiça, a sublimação do espírito, e a fraternidade entre o Oriente e o Ocidente, entre todos os Continentes, entre tôdas as Nações, entre as Classes, entre todos os Homens...

O IDEALISMO, PRINCÍPIO DE AÇÃO

Mas, Companheiros de Jornada, que é que nos diz o Idealismo, como “princípio de ação”?

O Idealismo, em sua mais profunda expressão é tão simples! e nessa mesma simplicidade, tão belo!... Não significa outra coisa senão a tendência a afirmar universalmente a realidade ainda feita luz, a que chamamos “ideal”, e que é a Idéia que se quer ver realidade, a força espiritual donde surge, com a visão da alma, uma nova forma de bem coletivo. É antes de tudo, solidariedade. Fraternal comunhão dos homens de boa vontade, na realização de uma superior e renovada condição de vida.

Mas o “idealismo” focaliza objetivos que se diferenciam pela natureza e pela compreensão. Os seus fins se diversificam em nobreza e generalidade, que são os dois aspectos correlatos da escala diferenciadora. Tanto mais nobre quanto mais geral. E tanto mais compreensivo, quanto mais sublimado em transcendência.

No alto e na origem dessa escala — porque ela tem um limite, que é a sua fonte, a “Plenitude” — refulgem os três supremos “ideais” da Vida: a universalidade do Bem, a universalidade da Verdade e a universalidade da Beleza... Elas não convergem para a unidade como raios de uma só realidade última. Mas são diferentes porque exprimem a suprema realidade do Universo, que é uma só realidade lógica — e única possível —, aquela onde se contêm as diferenças primordiais que depositam nela imutavelmente a capacidade de “diferençar” e de “unir” ao mesmo tempo, fazendo-se a geratriz universal dos seres, das vidas, dos mundos...

Que vemos, entretanto, nessa universalidade trina? Um único bem, ou o Bem de um só? Uma só Verdade, ou a verdade de um único? A beleza solitária, incomunicável, imutável, de Algo ou Alguém, em absoluta solitude-beatitude?

Não! O Bem, a Verdade e a Beleza são aquelas supremas e únicas realidades que se fazem sempre universalmente “comuns”. A Divina Herança de um infinito de seres. Realidades comuns entre si, cada uma nas outras, e tôdas três em cada uma. E comuns ainda a tudo e a todos — porque se oferecem e se dão à universalidade dos entes e à infinitude de suas manifestações — desde que as quiserem possuir e refletir. No Bem, na Verdade e na Beleza podemos ver — ninguém está excluído de ver e de

sentir — que permanecem aquelas três únicas realidades pertencentes em comum a todos os mundos realizados ou possíveis, e oferecidas, na “Comunhão Universal dos Universos”, a cada um e a todos, conforme a sua capacidade de os receber e de os transfundir em si. E nessa comunhão cósmica, através da qual o Bem e a Verdade, unidos pela Poesia — no sublime binário Beleza-Santidade — realizam o seu destino necessário e imutável, a Imutabilidade, como condição ou causa essencial de tudo que existe, ela no mais sublime, maravilhoso e suave dos milagres, se faz a Realidade Sensível, a Realidade Inteligível e a Realidade Amabilíssima. A “realidade” peculiar a cada um, conveniente à sua natureza, acorde com as suas mais íntimas e livres aspirações, na forma mais própria para que cada um leve à vida universal, na glória da liberdade consciente, aquêlo timbre, aquela tônica, aquela nota que é exclusivamente sua. Mas através das variações de infinitas formas com que, sob o influxo dos anseios pessoais, possa imprimir o seu cunho próprio, a sua contribuição inconfundível, a alegria exultante da sua afirmação soberana, na sinfonia universal das cousas e dos sêres que *permanecem e mudam*, e permanecendo e mudando, vivem... Magnífica em afirmações, em exultações, em promessas de continuidade perenemente renovada. Na certeza de que triunfará a liberdade que souber conquistar as formas transcendentais do amor, onde se esculpem imperecivelmente a perfeição e a beatitude, ou a Alegria Perfeita.

Que é que nos segreda à consciência êsse tríplice e maravilhoso Idealismo? Que nos diz êle, quando o depa-ramos esculpido nas três dimensões do Bom, do Verdadeiro e do Belo?

Se o “escutamos”, logo o “ouvimos”. Por sôbre os ideais de cada dia e de cada circunstância, o Homem alimenta sempre, no segrêdo do seu coração, alguns ideais supremos, que dominam, guiam e iluminam todos os demais. Êsses ideais prendem-se à fatalidade da comunhão de vida que o nosso Planeta impõe a todos os filhos de Eva. Interpretam e dão vida ao sentido profundo da fraternidade universal. Expressam — porque só podem expressar — uma condição de unidade. Um em todos e para todos; todos em cada um e para cada um. Unidade que a todos irmana verdadeiramente, na simpatia, na compreensão, na ajuda mútua e no júbilo glorioso do sentimento de convivência universal.

A Humanidade não vive para se dividir e se separar. Ela não pode “dispersar-se”, nem destruir-se, por mais que o queiram alguns dentre nós, a nos inspirar fraterna piedade. Há entre os homens uma “fôrça de gravidade” social, que não é a falsa libertação de uma solidude absoluta, nem pode ser também a constrictão serpentina, imobilizante e mortal, das formas de “comunhão” petrificadas. Essa fôrça gravitacional é a condição dos movimentos livres, no seio da coletividade que nos serve e nos guia ao mesmo tempo. Se a procurarmos numa imagem física a encontraremos, talvez, ainda não na água, que é a matriz e a expressão mesma, o símbolo perfeito, da harmonia que não escraviza. Será — quem sabe? — a do elemento aéreo, cujas moléculas vão a tôda a parte, sentem-se inteiramente livres nas azas dos ventos, e só assim participam da liberdade universal, fazendo-se o palco mesmo onde podem recuperar a liberdade os que se acharem presos às formas constrictivas das uniões que eliminam os movimentos livres.

O ideal da Humanidade é todo outro. Ela quer engrandecer-se, sim; e exaltar-se. Mas na multiplicação de fisionomias particulares, na inumerabilidade das formas que se refletem mùtuamente de mil modos e sob mil facêtas; e assim querem configurar a realidade compósita e — por isso mesmo — relativamente perfeita do Mundo, que é ao mesmo tempo “uma” sem deixar de ser “múltipla”, ou melhor, infinitamente numerosa.

A unidade do Gênero Humano é a expressão viva dessa dupla fatalidade. Na origem como no fim, e como também no entremeio, ou “processo presente” — é sempre tríplice. Um lhe há de ser o “corpo”, uma lhe será a “mente”, um ainda lhe terá de ser o “espírito”. Corporeidade, mentalidade, espiritualidade... Corporeidade que se afirma, para sentir a alegria de viver livremente. Mentalidade que é inteligível e se entende a si mesma, e exulta na compreensão da sua origem e do seu destino. Espiritualidade que é simpatia, amavio e amor, e se extasia e conforta na contemplação da beleza moral em que está imersa, e que também faz sua, realizando-a em si, na sublime e infinita sinfonia do bem-querer universal. Não é essa, em verdade, a tríplice unidade ou sublimação, cuja conquista o homem deseja, configura idealmente, e aspira com tôdas as fôrças do coração ver realizada no Mundo?

Sim. Esse o seu destino. Outro êle não tem, nem poderia ter. E nessa direção êle quer subir. É isto que o Homem quer realizar e ver realizado. É a isto que êle dá tôda a ternura do seu coração, e está pronto a dar também tôda a generosidade do seu sacrifício, inibindo a violência das Fôrças que sacrificam tudo na cegueira do egoísmo dementado.

Mas é tão longa a estrada! ... E tão longe ainda lhe parece estar o fanal que a guia; tão longe o pôrto em que possa ancorar tranqüila; tão longe o troféu que tanto deseja conquistar! É certo. Muitos e muitos obstáculos é preciso remover. Inúmeras ainda são as barreiras altas que é preciso transpor. Há que não esquecer o caminho. Não se deixar iludir pelas falsas aparências, mas tudo ver na realidade verdadeira. E viver a vida, vivê-la nobremente, nessa mesma incansável demanda do ideal. Uma interrogação, todavia, desenha-se-nos no espirito. Como é que esse caminheiro infatigável há de manter a íntima alegria e certeza de estar progredindo sempre? De estar construindo efetivamente, na dura labuta de cada hora, a magnífica catedral do humano destino, que também é um destino divino?

Os esforços dos que estão empenhados na dura ascensão, êsses que se deram o propósito de atingir o Teto do Mundo, os seus Altiplanos ou os seus Píncaros excelsos, caminham na mesma direção, têm o mesmo anseio, o mesmo alvo. O que querem realizar é o bem de todos. Os impulsos que terão de empregar, ou serão convergentes, ou não valerão de nada. Sacrifício, pertinácia, paciência e entusiasmo, cada um e todos haveremos de tê-los. Incansavelmente. Sem temor. Sem tibieza. Sem descrença. O entusiasmo e a confiança não se nos afadiguem na constante renovação. Fôrça é que levemos conosco a certeza de que nenhum passo é perdido. Nos corações conduziremos a fé onipotente de que estão sendo transpostas, ou transportadas, as montanhas que o ódio e a incompreensão sublevaram entre os filhos dos homens como barreiras de separação e baluartes a defender.

Contingência de nosso destino é, portanto, que haja uma ordem de marcha. Uma unidade de propósito. Qual será o caminho mais curto que nos leve aos três fins ao mesmo tempo?

Esse caminho, como rumo certo, o nosso norte, é um só. Ainda que se multipliquem as veredas e os atalhos

através dos quais, num terreno talvez ingrato, onde muitas sejam as pedras e não poucos os espinhos, cada um julgue seguí-lo bem, porque mais ao seu agrado.

É aquêlê Caminho que também é a Verdade, e é Vida. O único, por isso mesmo, que corresponde ao roteiro seguro. É o caminho da Compreensão... Da compreensão que unificará e virtualizará os esforços dos homens, levando-os à convivência pacífica e à cooperação confraternizante. Por Êle sòmente seremos capazes de trazer a felicidade para todos, mercê de contribuírem todos para a felicidade de cada qual.

E o nome dêsse Caminho — “caminho” que tem a magia da santidade, porque é o caminho do conhecimento no entendimento, e da revelação inaudita de maravilhas, é a Inteligência. A Inteligência sem os embustes da Mentira. É também a Educação mas sem a malícia do preconceito. E ainda a Cultura, quando não se mascara nem se desvirtua, e procura fazer amar a luz e odiar a treva.

Êsse Caminho... seu nome é o Verbo. Porque é o caminho e a luz para tôdas as Verdades, faz-se a Verdade do Mundo. E mostra o rumo verdadeiro que o Mundo não pode desconhecer. E exprimindo a Vida, tudo mais virá por meio d'Êle.

Mas o Verbo não é o espelho que reflete, que só deve refletir a Verdade? Já não o possui o Homem? E todavia, do Verbo não se serve o Homem, por vêzes, não para encontrar e comunicar a Verdade, mas para ocultá-la e substituí-la pela Mentira?

Por desgraça nossa assim é. E assim é também para a maior felicidade nossa. Paradoxo? Não: a sublime realidade apenas. Porque sem a opressão e a saudade deixadas pela luz que se apagou, não teríamos a alegria exultante da luz que se reacendeu para não mais se apagar. Porque reencontrar a luz reacendida, possuir a luz-confirmação, e preservá-la, preferi-la de ânimo inflexível a tôdas as vanidades do Mundo, êste o maior mérito, esta a grande vitória, a suprema exultação da Humanidade.

Não podemos fugir ao Verbo “falsificado”, ao verbo que nos oferece o Êrro em lugar da Verdade. Como não podemos também fugir às formas imperfeitas do Verbo, que a separação entre os homens criou e cujo destino, por isso mesmo, é separá-los sempre e cada vez mais.

Não! Temos que desejar e conquistar a forma Verdadeira do Verbo — a Luz da Verdade. Assim é preciso para

que, por meio do Verbo Verdadeiro, possamos reencontrar a Verdade t \hat{o} da, que s \acute{o} a pr \acute{a} tica da mesma verdade nos permitir \acute{a} reconhecer no seu sentido de universalidade. E se temos o direito e o dever de nos lan \acute{c} ar de todo o cora \acute{c} o a essa que \acute{e} a primeira dentre as gloriosas empr \acute{e} sas humanas, procurando a Verdade na certeza de que a acharemos, batendo \grave{a} sua porta na convic \c{c} o de que ela nos ser \acute{a} aberta, aspirando \grave{a} sua luz na f \acute{e} inabal \acute{a} vel de que a receberemos, tamb \acute{e} m temos o direito e o dever de buscar e conquistar aquela forma do Verbo, sublimada pela Raz \acute{o} n nos seus v \hat{o} os mais altos, que coloque a fam \acute{i} lia humana, t \hat{o} da ela, sem exce \c{c} o de ningu \acute{e} m, no caminho da compreens \tilde{a} o universal, em condi \c{c} oes de se entender a si mesma, no seio de todos os povos e em todos os lugares da Terra.

Esse Verbo do Homem e do Mundo, na sua forma original, espont \acute{a} nea, a primeira cria \c{c} o da Intelig \acute{e} ncia quando a si mesmo exprimiu o mundo que contemplava e compreendia; esse Verbo que em verdade e beleza, e em t \hat{o} da a parte, e a todos, e a tudo, revelaria, na pureza irrecus \acute{a} vel das id \acute{e} ias perfeitas, o Bem, a Beleza e a Verdade, o Homem — ai de n \acute{o} s! — o perdeu, ultrajando a sua divina origem no orgulho sacr \acute{i} lego. Mas esse Verbo Original, ainda que nos pare \c{c} a uma Luz que se apagou, n \tilde{a} o poderia desaparecer, n \tilde{a} o morreria jamais. Seu destino — e n \acute{e} le est \acute{a} o sublime privil \acute{e} gio — \acute{e} que possa reavivar-se e ressurgir vitorioso, e reconquistar a f \hat{o} r \c{c} a e a beleza iluminantes que parecia haver perdido. Como a luz apagada, qual “mecha apenas fumegante”, que se reacende na flama gloriosa \grave{a} reaproxima \c{c} o da Chama Divina, o Verbo do Homem haveria de ser reconquistado em t \hat{o} da a sua f \hat{o} r \c{c} a, no fulgor incompar \acute{a} vel da sua imortalidade. Tal o reflexo restaurado, na plenitude do seu poder refulgente, d’Aquilo em que estava Aqu \acute{e} le que era o Princ \acute{i} pio de t \hat{o} das as cousas, e imerge no seio insond \acute{a} vel da pr \acute{o} pria Divindade onde tudo se unifica na espiritualidade do amor universal. Porque nela, exclusivamente nela, j \acute{a} *estava* o Verbo “no princ \acute{i} pio”, e “agora” *est \acute{a}* em todos os universos, em todos os s \acute{e} res, em t \hat{o} das as cousas.

Sim. Disse-o em linguagem de verdade jamais ultrapassada, o vidente de Patmos no seu “Evangelho da Luz”, que \acute{e} tamb \acute{e} m o Evangelho do Verbo que “reina”, e da Verdade que “liberta” os que a querem, porque se faz compreender... Logo: o Evangelho do Caminho e da Vida, que Cristo restituiu \grave{a} Humanidade. “No princ \acute{i} pio era o

Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Êle estava no princípio em Deus. Tôdas as cousas foram feitas por êle e sem êle nada foi feito, do que foi feito. Nêle estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam”...

Assim era, assim é, assim será. Como Realidade Imutável que só aos poucos havia de ser compreendida, ainda que bem ou mal. Mas enquanto sem compreendê-la — e talvez por isso mesmo que não a compreenderam — as trevas deixaram-se envolver pela luz. E a luz ordenou o mundo... Em nova espécie de unidade e conciliação, evoluiu o Cosmos, surgiu a Humanidade. E aquilo que era a luz dos homens, aos homens iluminou a razão por fôrça e virtude do Verbo Original.

O Homem pode estar na Treva. E ficar em trevas. Sem embargo, e mercê de Deus, êle não é a treva, mas a luz que envolvia a treva, e que as trevas supuseram haver apagado totalmente em si e para si. Ela, a Luz que na Humanidade Medianeira se resumiu, — ela chegou a ser uma estrêla perdida em distâncias infinitas, mas encontrou de novo o habitáculo de sua eleição e de sua promessa, a Terra e o Homem preparados para recebê-la. E foi adorada pelos Anjos, pelos Reis e pelos Pastôres. E a Humanidade a reencontrou, tomou posse dela e procura erguê-la bem alto; mas depois de tê-la, primeiro, erguido a uma cruz... E a Luz já ilumina o Mundo como redenção, perdão e amor. E ela também quer iluminar o mundo como chama brilhante e ardente, “colocada no alto do Candelabro”. Depois da Nudez do Calvário, a clâmide da Ressurreição. E o homem já reconheceu a luz sôbre a qual, e por intermédio da qual, brilhará inextinguível, em todo o seu fulgor, a grande Luz da Vida readquirida. Reconhecendo-a, também a receberá em seu coração e em sua inteligência, e se deixará conduzir por ela. E reencontrará o “seu caminho”, quaisquer que sejam os seus variáveis roteiros. Alguns talvez sigam na direção da Estrêla Polar; outros talvez se orientem buscando o seu rumo no Cruzeiro do Sul. Êstes olharão para o Nascente, aquêles para o Poente. Pouco importa. Todos os caminhos se encontrarão no Destino Final. Guiado pela sua Cruz ou pela sua Estrêla, estará sempre no caminho, e receberá a luz. E na luz encontrará os “sinais”, as “vozes”, as “figuras”, que exprimam e traduzam a presença da grande Luz — a luz da Presença Inefável. E com esta luz, a Fé, a

Esperança e a Caridade, sem as quais não poderia prosseguir sem desânimo o seu jornadaear milenário, na inabalável certeza da vitória final infalível.

Eis o que nos segreda o Idealismo com fôrça de convicção incomparável, fazendo-nos ver no Esperanto, como e enquanto a Linguagem Universal, a própria Voz do Verbo Ressurrecto, e conduzida, pelo Espírito, à Mente e ao Coração de todos os homens de boa Vontade.

IDEALISMO E ESPERANTO

Idealismo e Esperanto... Por que falar do Esperanto quando se pensa no ideal da paz, da harmonia e da compreensão entre os homens? Interroga com um sorriso de incredulidade a multidão inumerável dos cépticos... A teoria sem conta dos que ainda não podem crer, mas desejam conseguir a motivação racional da crença. Talvez entre êles também se incluam os piores cegos, aquêles que se recusam a ver e a interpretar o destino infalível do Homem na terra. Contudo, se não todos, a maior parte dêles ainda crêem que êsse destino resplandecerá na compreensão fraternal entre as Nações se a auto-destruição, loucamente homicida, não detiver súbitamente a ascensão da Família Humana.

E nós outros, que nunca perdemos a fé, lhes diremos: Sim, o Esperanto! Essa flor incomparável da Cultura Humana. Essa criação sublime da Razão do Homem, que aprendeu afinal a refletir em termos de destino. O Esperanto decifrará o enigma que a Esfinge do Umbral nos propõe. Porque o que a Razão buscava, pertinaz e incansável, quando o encontrou, viu que era, nada mais nada menos, o instrumento mercê do qual se pudesse propiciar um processo, um viático de sublimação, harmonização, em verdade divinização — ou participação em Deus — dos sêres e das cousas.

Mais parecendo obra de um Demiurgo, porque superior a tudo quanto o espírito do homem criou por evolução natural, o Esperanto, como o Verbo por excelência do Princípio Racional de que a Humanidade é a privilegiada detentora, veio pela mão de um gênio, que também era um santo, restituir à grei humana, segundo a forma que as atuais condições da Espécie permitiam, mas em quase tôda a sua virtualidade original, a linguagem primitiva que intuitivamente revestiu e veiculou, nos pri-

meiros tempos, os pensamentos e os sentimentos da descendência adâmica.

É o mesmo logismo puro, instintivo, que dá ao pensamento a plenitude da satisfação. É a “oração” que se modula sob todos os ritmos possíveis. Contudo — bem o reconhecemos — a sua matéria-prima vocabular não poderia, mais, ser aquela sinalética singela, o espontâneo e maravilhoso simbolismo oral, que encontrava sua instintiva expressão por via de u’a musicalidade transcendente, em tessitura lógica que era “poesia viva”, como nos oferecem a imagem, embora empalidecida, os idiomas troncos que interpretaram em priscas eras a linguagem humana.

Tal, no entanto, não querem entender aquêles em cujos espíritos a “compreensão” ainda não encontrou guarida. Nada obstante, é preciso que compreendam. Ou, pelo menos, a aceitem. Ou não a impeçam desarrazoadamente. Porque sem a compreensão ou aceitação de todos, não será possível implantar o uso universal do idioma que permitirá ao Mundo ver-se reunificado pelo altruísmo e pela convivência fraternal. E a Humanidade, sem êsse idioma, manterá inibida, débil, quase impotente, a fôrça do seu idealismo. E êle, no entanto, já se está lançando à emprêsa máxima, generosa, heróica e santa, que é a de deter o ódio insano e a mortífera intolerância entre irmãos, para propiciar, e implantar, o reinado sem limites e sem conflitos, da justiça e da solidariedade. E esta é a ordem final que o Homem precisa conquistar, ainda que seja à custa de “suor, sangue e lágrimas”, já que a perdeu, na beleza da sua forma original.

Quando as matrizes mentais da Humanidade se viram brutalmente obliteradas pela rebeldia insensata, varrida foi a santidade da vida, no seio dos povos. O fratricídio cruel e hipócrita, na corrupção cínica e bestial, ou ainda na perfídia sem escrúpulos, espalhou sôbre a face da terra a mentira, a traição, os simulacros da justiça, os genocídios monstruosos, o arrasamento de cidades, e a escravidão das raças e das Nações.

A campanha em prol do Esperanto não é outra coisa senão esta Cruzada Santa pela Paz Universal rediviva; o levante em massa do bom-senso, do idealismo e da confiança nas fôrças do Bem, para implantar, de novo, entre os homens de tôdas as raças e de tôdas as terras, a adoção e a prática de uma comunhão universal de idéias e de sentimentos. E isto será feito por obra e graça do idioma

neutro auxiliar, mundialmente usado, mas sem pretender suplantá-lo, sim complementando, os idiomas nacionais que as formas gregárias da convivência social não poderão jamais dispensar.

O Idioma Original — o primeiro Verbo Humano — deve ter sobrevivido ao cataclismo cósmico do Dilúvio. Pois até a segunda catástrofe em que resultou a construção mágica da Torre de Babel, a Terra tinha ainda “um mesmo modo de falar” (uma língua comum), não obstante as diferenças que sobrevieram ao idioma que usavam os componentes das “famílias oriundas da “casa” de Noé”. Essa Casa se desdobrou em muitas famílias, segundo as suas “gerações, países e nações”. Delas “saíram todos os povos da terra depois do dilúvio”. E tôdas estas “famílias” tiveram as “suas línguas”, como tiveram as “suas regiões” e os seus “povos” ou comunidades políticas. É o que vemos no Gênesis, Cap. X, a respeito de cada uma das estirpes oriundas de Noé — a de Sem, a de Cam e a de Jafet. Mas isto sem embargo de ainda prevaler, até a crise babélica, uma língua acessível a todos, aquêle “mesmo modo de falar” a que se refere, no seu início, o Cap. XI. E essa seria a linguagem teúrgica ou litúrgica — e também ecumênica — do Homem; a linguagem que lhe faria recordar a unidade de sua origem e o seu caráter de raça cósmica, cuja existência jamais nenhuma investigação científica digna dêsse nome fará derivar, por um esquema seja qual fôr, de raças autóctones quaisquer, desta ou daquela região, e sem vínculos de filiação comum.

E eis que, quando retoma a Humanidade a diretriz universalista, de “catolicidade perfeita”, no seio da qual será “verdadeiramente rei” o Verbo Universal — que também é a Vida da Verdade e a Verdade da Vida, o primeiro e maior imperativo é a reconquista do Verbo Ecumênico... A reviver, como é possível agora, o Verbo Teúrgico, que assegurava a unidade e a comunhão, por sobre a variedade, entre tôdas as “famílias”, os “povos”, e as “regiões” e as “Nações”, como se diz na linguagem bíblica.

Dêsse ideal somos legionários todos nós, os homens que nos sentimos capazes de uma boa vontade ilimitada, aquela que se dispõe a enfrentar a própria malevolência, mas sem odiá-la, eis que só quer ajudá-la a ver que ainda “há estrelas no Céu”. Porque conquistamos (e graças vos damos, ó Deus de todos os homens — os que vos amam,

os que vos odeiam, e os que vos desconhecem), porque conquistamos o privilégio de compreender e desejar acima de tôdas as cousas, a fraternidade entre os filhos de Eva e de Maria. Mas reconstituído êsse vínculo, por via e por fôrça da unidade do Pensamento, que outra coisa não é senão o Verbo Divino, feito hipostaticamente o Verbo Humano, que busca — e achará — de novo, a sua forma universal. Porque são chegados os tempos para que novamente cada um “compreenda a voz do seu irmão”.

Nesse sentido trabalham “entre tôdas as nações da terra” fôrças espirituais sem conta. E como ponto de partida, demonstra-se, exhibe-se, mesmo aos que *ainda não querem* “ver” nem “ouvir”, que o Esperanto funciona admiravelmente, confirmando tôdas as esperanças nêle depositadas. Não será êle — oh! não — o “ponto fixo”, nem a “alavanca”, infinita e inflexível, que Arquimedes pedia para levantar o Mundo. Porque o Mundo não será jamais levantado por uma fôrça qualquer, externa ao coração do Homem. Mas levantar-se-á por si mesmo, com a ajuda dos meios éticos que lhe foram liberalizados. E a partir daí permanecerá de pé “até o fim dos tempos” da presente “era” humana. Mas o Esperanto será, isto sim, como a palavra de Moisés. Com uma diferença, porém. Não terá mais a ajuda da vara mágica para conter o furor dos raios. E surdirá, não como se falasse de dentro da sarça ardente; mas como se fôra a própria voz suavíssima de um “ramo de oliveira” simbolicamente colocado ao alcance da mão de todos os homens. E com isto, apenas com isto, o homem fará, de novo, brotar, do penhasco, a fonte; descer, do céu, o fogo que incendieia as sarças e inflama a água; baixar das nuvens, no deserto, o maná, como o pão maravilhoso “de cada dia”. E à serpente de bronze, das ondas etéreas que abraçam mundos num instante, comunicará a virtude curativa da “peste” e da “guerra”... E a família humana alcançará o maior dos milagres, o milagre da “Era Atômica”. Qual é êle? Bem o sabeis: é o que se dará também sob a forma de milagre eucarístico, na “comunhão” da Verdade; o milagre que restaurará, no seio dos povos e na sociedade internacional, o império da paz, da justiça e da dignidade. E essa comunhão realizará os prodígios que lhe forem pedidos, quaisquer que sejam êles, e quando desejados com pureza de corações, em intenção propiciadora, para reaproximar as criaturas que a mentira, a injustiça e a crueldade sepa-

raram entre si, separando-as d'Aquêlê que é a sua Origem, o seu Caminho e o seu Alvo Eterno.

Essa nova didática a que o Mundo está assistindo, se bem ainda entre displicente e céptico, reveste-se, como acontece a todo Ensino, de pronunciada capacidade educativa. Propaga o ideal; valoriza a fraternidade; desfaz os fatais equívocos da desconfiança e do silêncio da fé. Vai esclarecendo os homens suavemente, na prática diuturna e paciente do seu próprio aperfeiçoamento, como que recomeçando e repetindo a "evangelização dos gentios". É praticando o Bem que se fará amar ao Bem. É propiciando os entendimentos de paz que se implantará a Paz. É difundindo a cooperação e solidariedade eficaz, e sinceramente desejada, que se estabelecerá e se fará frutificar a fraternidade.

Êste, meus Senhores, o maravilhoso e inextinguível fanal, com o qual vós outros, novos Cavaleiros Andantes do "idealismo" da gente fluminense, vos quisestes comprometer, deixando-vos por êle conduzir. Porque aceitastes um fideicomisso irrevogável, por meio desta "Convenção" de tão alto e expressivo significado. Certo, não é uma novidade o que contemplamos neste vosso cenáculo, onde invocais e recebeis, como chamais vivas, a espiritualidade de um transcendente ideal, que consorcia, potencializando-os, cavalheirescos esforços, pensamentos cheios de claridade, aspirações que vestem a alva túnica dos mais nobres ministérios. Mas há em vosso propósito alguma cousa que é uma luminosa novidade — a "forma". "Nil novum, sed nove". Não ides realizar um debate que se termine daqui a pouco. Não ides proclamar alguns princípios, nem recordar fastos gloriosos. Não quereis apenas sugerir ou recomendar uma norma de ação. O que quereis, é firmar agora e aqui um "comêço" de ação que não tenha "fim" porque continuará "sempre". E que suba até as estrelas, na nobreza do seu "desideratum". E' um compromisso de fidelidade e um penhor de devotamento. Na sustentação em comum, sob as formas que forem precisas, e nas condições que as circunstâncias aconselharem, de um esforço coletivo, multiforme, ágil, flexível; de um esforço que caminhe decisivamente para a neutralização das influências inglórias, inglôriamente opostas ao seu destino. E o que empreendeis, meus Senhores, é algo que engrandece e honra a cultura brasileira. Porque pretende concretizar, não direi um sonho, mas o mais nobre ideal da civilização humana. Alto e varonil propósito, sôbre o qual terão de re-

pousar quantos mais — propósitos, sonhos, aspirações, ideais — a sêde de perfeição da Espécie possa conceber e desencadear.

Vós, porém, meus Senhores, tendes vossas magníficas certezas. São elas que vos inspiram. E sabereis dizê-las e prová-las, demonstrando por fatos o que elas valem. E nisto mesmo consiste o apostolado de que vos investis aqui, nesta surpreendente vinculação de vontades e de corações.

AS CERTEZAS DO ESPERANTO

Senhores! Quem ora, recorda... Recordemos, pois, ainda que rapidamente, as inabaláveis “certezas” do Esperanto.

Bem sabeis que o Esperanto, longe de constituir alguma cousa de artificial, ou algo artificioso, sujeito às imperfeições e à precariedade inerentes a tudo que é verdadeiramente um “artifício”, vale dizer, em verdade um *sucedâneo*, é, ao contrário, como criação racional sob a mais rigorosa das lógicas, uma espontânea e natural criação do espírito humano, inspirada por incomparável genialidade.

Igualmente não temeis contestação à assertiva de que o Esperanto seja a língua mais fácil de aprender. Porque êle desafia a própria simplicidade nas suas “dezesseis regras” sem exceção, utilizando um vocabulário que em suas três quartas partes já se pode considerar familiar a todos os indivíduos de alguma cultura, seja qual fôr a Nação a que pertençam.

Ainda vos sentis seguros de que não existe sombra de procedência na pretendida “pobreza”, que por equívoco muitos supõem necessariamente inerente a um idioma internacional como o Esperanto. Estais certos de que nada impede satisfaça o seu uso à expressão de tôdas as atitudes, movimentos, e criações do espírito humano, seja qual fôr o seu grau de cultura. Pois, bem o sabeis, ao contrário do que acontece a qualquer língua, o vocabulário esperantista cresce ilimitadamente. Avulta, sim, avulta sempre: mas sob o mais rigoroso contrôle mundial. E possui, entretanto, desde a fixação inicial do seu minúsculo “*radikaro*” de origem — aliás já suficiente para tôdas as essenciais expressões do pensamento — uma elasticidade e aportabilidade admiráveis, graças ao seu engenhosíssimo esquema estrutural. Cada radical se adapta com inteira liberdade às diferentes categorias gramaticais, mediante

poucas e invariáveis desinências, em função da escala formada, em seus timbres normais, pelas vogais básicas da oralidade humana (a, e, i, o, u,), podendo ainda desdobrar-se em inúmeros derivados por meio da prefixação e sufixação; processos pelos quais, numa simplicidade e logicidade inexcedíveis, ainda mais acessível se torna à generalidade das inteligências, em virtude do seu caráter absolutamente sistemático. Isto sem falar da plasticidade que lhe advém por via das combinações de radicais. Estas são lícitas a qualquer preferência pessoal que vise a uma racional composição ideológica. E nisto reside, talvez, o segredo da receptividade que os povos orientais, principalmente o chinês, têm revelado em relação ao Esperanto. Quem tiver dúvidas visite, no Convento de Santo Antônio, o Rev.^{mo} Frei João Batista Kaô, eminente poliglota franciscano de naturalidade chinesa, e ouça-o falar em Esperanto, ou a respeito do Esperanto.

Outra das mais convincentes afirmações ao vosso dispor é o de que a prosódia do Esperanto não oferece a mínima dificuldade a nenhum povo da terra. E por que? O segredo dessa prerrogativa admirável, a única que se depara entre as centenas e centenas de sistemas linguísticos que a Humanidade já construiu empírica ou racionalmente, mediante formação espontânea ou dirigida, desde que quebrou os padrões lógicos primitivos, ou procurando restaurá-los, — tal privilégio consiste em que o Esperanto soube escolher os sons médios, aqueles que se revestem das formas intermediárias entre as variações a que se possam submeter sob variáveis influências. Mas, isso, segundo um critério seletivo, deveras impecável. Se o idioma haveria de ser acessível a todos, forçoso era que os seus fonemas fundamentais se conformassem às disposições naturais comuns a todos os povos, sem que interviessem peculiaridades, idiosincrasias ou viciosidades fonéticas quaisquer. Nenhum dos sons do Esperanto é estranho a alguma língua, seja qual fôr; e nenhum deles é incompatível com os hábitos de vocalização de povo algum. A sua oralidade, apoiada numa representação gráfica a mais singela possível, e em verdade, perfeita, está ao alcance das possibilidades e hábitos glóticos de tôdas as raças. Os habitantes do Planêta, em sua generalidade— e quase eu diria, quaisquer habitantes de qualquer mundo possível, porque a simplicidade e acessibilidade da lógica ou são *universais* ou não são *nada* — todos, absolutamente todos, o podem (ou poderiam) pronunciar cor-

retamente. Mas não só pronunciá-lo, senão também entendê-lo e por meio dêle fazer-se entender, usando-o, sem a mínima dificuldade, sem a menor sombra de embaraço.

Também demonstrareis que não têm razão os que afirmam ou supõem que a prática universal do Esperanto seja necessariamente solução efêmera para o problema do mútuo entendimento entre os homens. Não e não. Dêle, ao invés, é que se poderia a rigor dizer — “aere perennius”. Mais perene do que o bronze... Ou tão perene como a evolução racional e eternamente renovável, sem deformação alguma, de tudo quanto tem o logismo perfeito das construções que se apoiam em transcendentais e puras idealidades éticas. Não pode ser efêmero o Esperanto, uma vez que lhe é dado evoluir e transformar-se, como fôr preciso, sem eiva de corrupção. Porque não é corruptível tudo quanto é lógicamente simples e ilimitadamente perfectível, — e nisto está a essência mesma da perfeição. O Esperanto será ensinado e aprendido, em tôda a parte e sempre, *corretamente*. A sua aprendizagem não consagrará jamais os erros e desvios sejam quais forem — de textura gramatical, de grafia ou de prosódia — dos que acaso ainda o usarem imperfeitamente, sem o conhecerem bem, ou com o prurido malsão das inovações contrárias à lei e à verdade do idioma. O Esperanto será ensinado e aprendido, sempre e sempre, na sua forma pura; porque é nessa pureza de forma que o seu uso terá significação prática e cultural.

E essa forma pura, assim, a si mesma se resguarda de qualquer deformação. A maneira correta é que prevalecerá sempre, e cada vez mais generalizadamente, à medida que subir de nível, e crescer em extensão, a cultura mental e espiritual do gênero humano. Porque ninguém muda, ninguém pode mudar, aquilo que é perfeito e só tem sentido *enquanto é perfeito*. Quem pretenderia mudar os sinais musicais ao seu livre arbítrio? Quem pensaria em introduzir novos algarismos na numeração? Qual a mentalidade que alvitaria ou tentaria acrescentar mais um termo à base decimal de numeração enquanto tal? Isto só não convencerá os que não quiserem ser convencidos. Mas êstes, que êles falem... e passem. Não lhes cabe, a êles, abrirem os roteiros segundo os quais a Humanidade passará “por cima das nuvens”... Ou se transformarão abandonando êsse mesquinho espírito, ou se petrificarão na “espera”, que êles mesmos não saberão dizer “de quê”.

Quando, por outro lado, ouvirdes dizer que o Esperanto, no seu mecanismo pré-construído não pode ter a plasticidade nem a precisão ou a espontaneidade para atender às formas superiores da expressão do espírito humano, na filosofia, na arte, ou na política, ser-vos-á fácil responder. O logismo integral e intangível que foi nêlo colocado, tal como as Tábuas da Lei, no Santo dos Santos, daquele Templo levantado pela e para a religião verdadeiramente universal na sucessão das eras, é que lhe garante a êle o Esperanto, e unicamente a êle, a plenitude dos recursos e da fôrça expressional. Porventura já se terá ouvido dizer que a simplicidade e a riqueza infinita da lógica tenham jamais falhado? Ou que a lógica original haja sido suplantada por artifícios, como os que procuram recompor, num esforço inútilmente renovado, a unidade e consistência evanescentes, que são o apanágio inafastável de todo processo de corrupção e degradação crescente e incontestável? Por ventura terá deixado de dar ao trabalho mental dos sábios aquilo que lhe foi pedido, a simbólica arqui-simples da Matemática? Ou a pauta em que se escrevem tôdas as composições musicais? Ou o arco-iris dormente na palheta dos Pintores? Ou os dez sinais da Numeração, que à Numerabilidade infinita oferece a mais equilibrada das representações possíveis?

Talvez também vos segredem, com cuidados pontilhosos, que as tendências incoercíveis do linguajar de cada povo, com os seus tão diferenciados "sotaques", ligados, quem sabe, a idiossincrasias étnicas ou a hábitos estratificados, farão bem cedo do Esperanto uma vastíssima coleção de dialetos, cada um dos quais tendente à autonomia linguística. E, di-lo-ão, essas variantes dialetais ir-se-ão tornando tão praticamente impenetráveis de nação para nação, tão herméticamente fechados, quanto os próprios idiomas nacionais. Acaso hesitaríeis na réplica? Certíssimo que não. Pois sabeis de sobra o que pensar dessa pretensa razão. Bastar-vos-ia oferecer a essas novas Cassandra a demonstração dada pelo filósofo grego aos sofistas que negavam o movimento.

Não lhe foi preciso mais do que levantar-se, e andar... Assim vós. Falareis o Esperanto. Falá-lo-eis ou escrevê-lo-eis para a comunicação por sôbre as separações tôdas dos oceanos, das quatro faces da terra, dos climas e das raças, das civilizações e das culturas, dos idiomas nacionais quaisquer. Não é outra a prova que dão todos os dias — qual a dera, cabal, perfeita, logo a sua primeira expe-

riência há meio século — os Congressos Internacionais de Esperanto. As características, os hábitos, as idiossincrasias vocais, não influem, nunca influíram, não influirão jamais, na maior ou menor compreensibilidade do Esperanto, nem na maior ou menor perfeição do seu uso. As línguas nacionais, estas, sim, tendem a se tornar incompreensíveis entre os diferentes grupos que as falam. E no conjunto destes, encontra-se sempre um — nem sempre o maior — que se arroga o privilégio da impecabilidade. Assim, para só falar da linguagem mais culta e que logrou maior universalidade — o Francês. O francês dos franceses se supõe mais puro, mais certo ou melhor do que o falado pelos demais povos, ainda quando o tenham adotado como língua materna. O francês de Paris é considerado melhor que o de todos os demais franceses. E o das classes cultas de Paris ainda é visto como superior ao de uso popular dos parisienses. Daí se concluiria que todo o mundo que falar o francês, o falará fatalmente mal ou menos bem, numa forma menos pura ou mesmo errada. O Esperanto, não. Quem o falar depois de uma fácilíssima aprendizagem, quanto baste para que assimile e pratique corretamente o que lhe é essencial, — e é tão pouco e tão simples! — falá-lo-á *sempre bem*. Estará falando o melhor Esperanto possível. Porque os sons que pronunciará quem o falar assim, pertencem, como coisa própria, a todas as línguas. E nenhum desses sons necessários deixará de ser corretamente pronunciável a quem quer que seja. A leitura, a silabação, a acentuação, o ritmo ou a musicalidade da frase expressa pela pontuação e pelo sentido, — coisa alguma, no idioma neutro *auxiliar*, por isso mesmo que tal é o é, se presta a erro. A pronúncia distinta de todas as suas sílabas, onde nenhum som a emitir deixa de ter a sua representação precisa, e nenhum símbolo literal deixa de corresponder a um e único elemento fonético, — tudo isto impede que se insinuem particularizações, excepcionalidades, hábitos preferenciais deformativos, seja entre regiões, seja de povo a povo, ou ainda de uma classe para outra, pelo prevalecimento dos quais se inicie a degradação da universalidade idiomática, que lhe é originalmente a condição essencial. Aquelas características de “dicção” a que chamamos “sotaque” — e nada mais que isto pode diferenciar o correto uso do Esperanto, e, de resto, sem jamais o tornar errado ou imperfeito —; tais características não diversificam o idioma, não o tornam menos inteligível a quem quer que seja. São dife-

renças naturais, são timbres regionais, grupais, ou, mesmo, obviamente tonalizados em forma variável de indivíduo para indivíduo; quando muito, poderão valer como ficha de identidade regional ou étnica para os que as exibem. Como quer que seja, não apresentam nenhum inconveniente. E são, aliás, bem menores do que aquelas que notamos, sem taxá-las de erradas, entre as prosódias legítimas — porque certas — do português, por exemplo, falado pelas populações nortistas ou meridionais do Brasil; pois não passarão, tais diferenças, de leves matizes de variabilidade entre sons médios de caráter fundamental e bem tipicamente definidos.

Mas, se vos falarem dos vocabulários exóticos que os idiomas vão recolhendo aqui e ali, por vernaculização de estrangeirismos, neologismos eruditos, plebeísmos enobrecidos como boa linguagem, onomatopéias sugestivas, que direis então? A isso se considera geralmente como enriquecimento e evolução natural. Mas bem o sabeis que, no fundo, o que ocorre aí é um processo deformativo. Nisto vai o caminho aberto à dialeção, se tais inovações não conseguirem dominar todo o campo do idioma, ou se ao invés, não intervierem forças de neutralização, de ordinário bastante precárias, e que, quando não impedem o dialeto, favorecem ainda assim a chamada “evolução” do idioma. Entretanto, aceitaríeis que, por isso mesmo, também o Esperanto estivesse fadado a sofrer mais cedo ou mais tarde, um irreparável processo de dialeção? Claro que não. Conquanto o Esperanto favoreça e admita tôdas as liberdades ou ousadias de ideação e expressão, compatíveis com os respectivos princípios canônicos, nunca estaria aí em jôgo a sua unidade. Porque os fundamentos da “Internacia Lingvo” são inamovíveis por força de critérios particulares. E o seu Vocabulário, podendo enriquecer-se ao infinito, sem retirar à língua a sua identidade, só é possível, por obra da iniciativa individual, no que concerne às derivações e combinações conformes aos seus preceitos orgânicos. Universalmente lícitas, portanto, e universalmente compreensíveis e imitáveis. O que importaria, isto sim, a desagregação do idioma, seria a admissão livre de novos radicais. Mas êsse fator de evolução da língua ficou sábia e necessariamente sujeito ao consenso universal, verificado, afirmado e autorizado pela comissão de doutos que policia mundialmente o idioma e lhe certifica as aportações legítimas. Estas permanecem ao alcance de todos. E tudo quanto nelas não se contiver,

não é legítimo, não será Esperanto. Com isso se sentirá acaso tolhida a capacidade criadora do espírito humano? Bem se vê que ocorre precisamente o contrário. Pois o Esperanto recebe contribuições venham de onde vierem. Mas analisa-as cuidadosamente, e consagra ou condena as aquisições sugeridas. Barreiras, entretanto, só opõe ao que fôr espúrio, porque contrário à lógica basilar do sistema, cujo respeito está no interêsse e na compreensão de todos se torne e permaneça em verdade universal.

Vejo agora que vos dirigis a vós mesmos uma nova interrogação. E se nos objetarem, não as inovações vocabulares, mas os modismos de expressão, os idiomatismos que surgem em tôda a parte e em tôdas as línguas como maneiras particulares de dizer as cousas, de traduzir ou “sugerir” com originalidade o pensamento, de dar ênfase particular a certas idéias segundo o gênio de cada língua? Será que aí ainda, ou exista uma limitação que em verdade empobreça a capacidade de expressão do idioma, ou tudo se torne permitido, e se deixe com isso aberta a porta à dialeção? Nem uma cousa nem outra, di-lo-eis, depositando confiança plena em vosso ideal. E estará convosco a razão. Êsses modismos e idiomatismos resultam das barreiras que o espírito criador encontra nas deformações que cada idioma nacional vai sofrendo quando lhe é tolhida a livre expansão lógica, do ponto-de-vista gramatical. E então, a pretexto de conseguir certos contrastes de fonemas, ou preferidas consonâncias, ou ainda determinados ritmos a que a índole da língua empresta significação de harmonia e beleza, apela para êsse rebuscado efeito estético, e em nome dêle quebra os cânones sintáticos em vigor e impõe como exceções “sui generis” êsses chamados modismos ou idiomatismos. De fato são elementos desintegrantes da unidade lógica do idioma; mas podem invocar a dirimente de procurarem, de tal jeito, reaver a liberdade estética da palavra humana, que era no comêço, ao vivo, poesia e música. Mas com isto o certo é que se vai diferenciando com caráter grupal cada vez mais restrito, cada um dos idiomas nacionais; pois, ou êstes adotam tais exceções como condescendência ao espírito criador, ou as vetarão, mas deixando-lhes ainda assim uma artificial e limitada viabilidade em estreitos círculos do uso da língua. Como quebra dos padrões lógicos, as inovações podem ser aceitas e memorizadas pelas massas, não há dúvida. E os idiomas são forçados a recebê-las; mas desfigurando-se gradativamente. Evolução natural, dizem que

isto é. Sim. Evolução, e evolução natural, é certo. Mas como tendência negativista e indisciplinada do espírito humano, quando êle já não pode ou já não quer submeter-se às leis da lógica. Enriquecimento, isto só será no sentido de decadência das línguas, trazendo-lhes êsse espólio imenso de destroços lógicos a que chamamos arcaísmos, e que quase todos os idiomas carregam consigo alijando-os aos poucos, tanto no domínio do vocabulário, como da ortografia, da sintaxe e do estilo. A essa desagregação está imune o Esperanto; sem sacrificar, contudo, a contrapartida que aquela possibilidade oferece como enriquecimento das formas de expressão. Graças ao seu impecável mecanismo de contrôle, êsse perene estado de sanidade e integridade lógica não o empobrece. Ao contrário. Na economia do Esperanto é vedado, bem o sabemos, prevaleça o particular contra o universal, o acidental contra o fundamental, o errado contra o certo, o arbitrário contra o consentidamente aceito. Regra inflexível, por mais sedutores que pareçam os invocados efeitos de eufonia e expressividade. Por isso os fundamentos do Esperanto não podem nunca ser atingidos por qualquer ameaça de destruição. Mas, em consequência, o idioma que se simbolizará perenemente pela Estrêla Verde, virtualizando e potencializando por igual todos os intelectos, numa certeza seguríssima de universalidade, permanece liberto de qualquer obrigação de exclusivismo quanto às “maneiras” de exprimir o pensamento. O logismo reto — e há sempre um logismo reto correspondente a qualquer logismo oblíquo ou invertido — por isso mesmo que é o mais geral e afere o logismo incorreto com o lhe oferecer as formas verdadeiras correspondentes a qualquer tentativa de exotismo e transgressão dos cânones consagrados e confirmados; o logismo reto — dizia — tem meios de “traduzir” de maneira perfeita, isto é, não como uma transplantação “in natura”, mas como uma transposição lógica, todos os modismos possíveis, de todos os idiomas, de tôdas as regiões e de tôdas as culturas. E o que quer que se apresente então como forma justa, na linguagem esperantista, é uma forma universal por natureza, e universalizável na prática, através da compreensão e imitação. O que era um achado feliz de um grupo mas sem ultrapassar os limites sociais dêste, isto é, quando muito já incorporado ao patrimônio de um idioma particular, passa a pertencer, se transposto para o Esperanto, à cultura universal. Tôdas as “trouvailles”, verdadeiras ou erradas, isto é, dentro ou fora da lógica do

idioma de origem, que a capacidade de expressão da espécie houver utilizado, encontrarão correspondência sempre certa e admirável em Esperanto. E no seio do Esperanto, sob a vestimenta condizente, isto é, lógica, sem a qual não poderiam comparecer ao “banquete das bodas”, não mais se poderá taxá-las de erradas, de exóticas ou de incompreensíveis. E o Esperanto, já se demonstrou pródigo de surpresas. Não só na poesia. Mas igualmente em suas incursões nos domínios do jornalismo, do humorismo, do linguajar familiar ou plebeu; ou, também, na linguagem sentenciosa dos moralistas ou sob as sugestivas formas folclóricas dos anexins; ou ainda no campo do drama, da comédia e da tragédia, cujas obras-primas já encontraram e encontrarão sempre transposições perfeitas para o idioma universal. E nisto mesmo está a plenitude da riqueza, a plenitude da flexibilidade, a plenitude da universalidade, ou seja a realização exata do seu destino. Não tolhe a fantasia ou a graça, nem a dicacidade, nem a ironia, nem a ênfase, nem o humorismo, nem a naturalidade, nem as metáforas, nenhuma das riquezas que fazem a glória da prosa ou da poesia; mas lhes dá novas asas, novas formas, novos e insuspeitados recursos de expressão, numa variedade ilimitada de matizes. Não asfixia o pensamento; nem o aprisiona, inibindo-lhe os raptos, em rígidas formas apriorísticas, predeterminadas desde a origem da língua. Liberta-o, ao invés, com desenvoltura soberana, no seio de uma amplitude sem limites, em que novas formas, novos panoramas, novas possibilidades se vão deixando entrever sem cessar, num progredir tão ousado como os remígios mais altos do próprio espírito. Ao pensamento humano, o Esperanto não o encadeia jamais; dá-lhe, isto sim, uma liberdade, um bater-de-asas, um arrôjo e uma capacidade ascensional, que antes dêle nem sequer supúnhamos fôsse possível existir num idioma qualquer. Levado pelo Esperanto, não há altura que o pensamento, indutivo ou dedutivo, e tanto nos domínios da claridade ou precisão, como da harmonia ou beleza, não se sinta capaz de galgar. Onde quer que a alma humana plante os seus jardins suspensos, aí o pensamento e o entendimento levados pelo Verbo Universal, podem penetrar e florir maravilhosamente. Porque a êsse Verbo perfeito restituído à Humanidade sob o nome sugestivo do Idioma da Esperança, é dado mover-se livremente em todos os caminhos, planos, alturas ou esferas, que encontre ou pretenda abrir à mente do Homem. E é por isso que haverá sem dúvida alguma,

em tôda a parte e sempre, o Esperanto claro, inteligível — falado ou escrito — a quem o conheça. Uma língua suave ao ouvido, claríssima ao pensamento, cariciosa ao coração, com tôdas as riquezas dos idiomas todos, e uma capacidade sem par para invocar e traduzir a beleza das formas e do movimento, no mundo da sensibilidade, no mundo da inteligibilidade, no mundo da espiritualidade. Esse Esperanto será adaptável a tôdas as intenções, a tôdas as conveniências, acumulando em si a capacidade criadora dispersa pelos idiomas inumeráveis que ora dividem — sem congregá-la — a família de Adão.

Por último, haverá quem vos sussurre uma outra pretendida “ilusão” da causa esperantista. O uso do Esperanto nas Assembléias Internacionais não passará jamais de u’a miragem. Sua impossibilidade é manifesta, e isto é o fracasso do ideal que o Esperanto representa, pois o seu uso oficial entre as Nações é exatamente o caminho pelo qual o idioma se consagraria em conformidade com o destino que se lhe pretendeu dar. E isto por que? Porque, evidentemente, — os cépticos também têm as suas certezas... — os membros das Assembléias entre as Nações — muitos dêles, senão todos — não conheceriam o Esperanto; e sendo assim, o seu uso exigiria mais um processo de tradução além daqueles que já se admitem e tanto dificultam os entendimentos internacionais. Contingência essa que, afinal, sem facilitar nada, criaria novas dificuldades, além de exigir um corpo de políglotas conhecedores do Esperanto, cousas que o Mundo em verdade não possui ainda, nem talvez jamais venha a possuir. E vós, Senhores, diante disso, que diríeis? Qual a certeza, a vossa certeza, com que ainda aqui vos tranqüiliza a fé em vossa causa? Bem o vemos. É a certeza de que improcede, de todo em todo, a motivação invocada.

Em que se poderia apoiar a repulsa ou o adiamento do alvitre para admitir-se o Esperanto nos conclaves internacionais? Requereu-a em forma impressionante a “petição monstro” — única na história do idealismo humano — de dezesseis milhões de pessoas (indivíduos e coletividades) de todos os recantos da terra, dirigindo-se à Organização das Nações Unidas, no sentido da oficialização imediata do Esperanto. E também a sugeriu, dirigindo-se à Organização dos Estados Americanos, a Mensagem da Esperança (“Mesago de la Espero”), subscrita pelos seus Presidentes, de 49 dentre as Instituições Culturais Brasileiras de mais proeminente papel em âmbito nacional, que

souberam colocar-se à frente do Idealismo do Brasil, formulando o voto e o anseio da nossa Pátria em favor do uso imediato do Esperanto nas assembléias dos povos, quando menos e para começar, no Continente de Colombo, onde é menor a fôrça dos preconceitos contra a marcha inexorável do progresso humano. Êsses dois pronunciamentos são irrespondíveis.

Mas uma criança poderia mostrar a improcedência das “razões” dos céticos. Primeiro, porque a qualquer momento, e no número que fôr preciso, o mundo já poderá dispor de tantos perfeitos Esperantistas quantos forem necessários para o serviço de tradução que os Congressos Internacionais puderem exigir. Em segundo lugar, porque, adotado o Esperanto, qualquer delegado a um congresso internacional, o qual, aliás, entenderá provàvelmente pelo menos duas línguas, poderá *em dias*, com a maior facilidade, entender também o Esperanto, pelo menos para a leitura. (Lembremo-nos de que Tolstoi o aprendeu em duas horas). E isto quer dizer que não tardará possam ser dispensadas as demais traduções geralmente admitidas de modo recíproco entre os idiomas nacionais que houverem sido declarados oficiais para qualquer conclave. E terceiro, finalmente, também improcede o libelo, porque a consagração do Esperanto, como língua oficial para o entendimento entre as Nações, faria com que, dentro de dois ou três meses *no máximo*, todos os seus líderes, e principalmente os diplomatas, a que não faltaria por certo nem lastro de cultura, nem boa vontade, nem senso de responsabilidade, poderiam usar desembaraçadamente o Esperanto tanto escrito como falado. E êsse pequenino, êsse mínimo esforço, tais os resultados obtidos, viria logo trazer o incentivo poderoso para que uma convenção internacional facilitasse, propiciasse e mesmo amparasse as iniciativas públicas ou privadas, viessem donde viessem, que então já se teriam prontificado a preparar, com o recurso à estereotipia, as edições primorosas em Esperanto — e por certo “tão perenes, quanto o bronze” — das obras-primas ou fundamentais do espírito humano. É difícil imaginar em tôda sua extensão e efeitos o benefício imenso que seria para a humanidade essa difusão cultural sem barreiras, a qual em verdade só poderá ser feita em condições eficazes através de edições milionárias e do mais baixo custo possível, distribuídas com franquias e privilégios admissíveis no mundo inteiro.

Que se poderá pensar diante disto? Aí estaria, assim, em vez daquele imaginário óbice, e bem ao contrário, o caminho largo, definitivo, para que o Esperanto entrasse a desempenhar a pleno efeito o seu magnífico destino em prol das relações internacionais, da educação, do bem-estar, da felicidade e da cultura para tôda a família humana, “sem acepção de pessoas, de classes ou de nações”. E êsse movimento, se é certo que levaria de pronto e eficazmente, a verdadeira cultura ao mundo inteiro, também estaria sem dúvida preparando a totalidade dos povos para receber mais eficazmente o “pão do espírito” e o “espírito universalista”. Ou sejam as duas fontes mais puras da convivência fraternal — de que a humanidade inteira tem fome e sêde. Fome e sêde que só serão saciadas pelo Pão da Vida e pela Água Viva — o Verbo e a Verdade, que a Compreensão Universal, por obra do Esperanto, lhe poderá trazer ilimitadamente...

OS VOSSOS E OS MEUS PROPÓSITOS

Companheiros do Ideal! resumamos agora os vossos e os meus propósitos. É belo, sim, tem o fascínio da arte perfeita — nós o percebemos com tôda a fôrça da nossa inteligência e do nosso sentir ético ou estético — o ideal com que quisestes enriquecer ainda mais a vossa vida, contribuindo com o que de melhor exista em vós para enobrecer e melhorar o Mundo.

Assim compreendestes a “Era da Mundialidade” — a nossa Era... Êste o sentido que atribuístes com justiça e justeza a esta Época ou Idade em que a Humanidade acaba de penetrar. Porém, está ela sòzinha? Não. Veio pela mão do mais estranho Guia — a Energia Nuclear. Quem é esta? É a substancialidade material desencadeada, a própria Matéria desatada em Fôrça. Eis o novo Gênio do Mundo — gênio terrível dos séculos que hão de vir e não sabemos, ainda, se virá libertar, escravizar ou destruir os habitantes do Planêta. Por êle se manifesta a idéia-fôrça que subjaz na estrutura íntima da substância física e de repente se liberta de suas órbitas e dos seus vínculos milenários, que pareciam indissolúveis e eternos. E êsse Potencial se vem colocar, com aparente mas ameaçadora docilidade, a serviço do próprio Homem, da sua débil razão e da sua incerta vontade, tão facilmente descontroláveis pelo interêsse, pela paixão ou pelo preconceito!... E habilita-o a realizar tôdas as insubmissões,

todos os inconformismos. Tanto os que erradamente pretendam ser os paladinos do Bem, quanto aquêles outros que preferem as ilusórias cumiadas da Solitude, da Rebel- dia ou do Predomínio.

Como ser racional e livre, caberá ao próprio Homem, em última instância, a semi-divina herança da opção. Da opção consciente entre o *sim* e o *não*, na sua dupla e indis- solúvel paridade. O “sim” ao amor, apoiado pelo “não” ao ódio. O “sim” ao orgulho e o “não” à compreensividade. Contudo, como entidade ética, isto é, imortal, o homem é iluminado por uma consciência; o seu discernimento do Bem e do Mal jamais se obliterou totalmente. Forçoso lhe será, entretanto, que o seu instinto de sublimação o leve a optar pelo Belo — que é justiça e altruísmo no domínio hu- mano — onde se resumem as soluções positivas, segundo as quais os destinos se afirmam vitoriosamente. Assim é pre- ciso para que possa ser e seja a humanidade plenamente livre. Mas a prática efetiva da fraternidade universal, ca- berá aos homens individualmente; e os homens se esca- lonam, ainda, pelos degraus inúmeros da escada de Jacó, já subindo uns — a maioria, ainda descendo alguns. E por isso se muitos a amarão, haverá ainda os que a não com- preendam, não a queiram por ignorância, ou pela insânia do ódio que ainda não houver podido encontrar o clímax da sua conversão. E nessa opção individual o que os “fi- lhos do Homem” terão realmente de escolher é simples- mente isto: se já querem cooperar para a vitória da Luz, ou se preferem continuar dominados pelas fôrças que não se deixam ver nem amar, como Vidas de Trevas e de Egoísmo que elas são. Mas a escolha de fato já está feita, pois a maioria dos homens já tomou o partido de Cristo. Será tudo? Não é tudo ainda; é apenas o começo de tudo. Insta dispor e ordenar a humanidade dentro da economia da luz, que é a economia da verdadeira liberdade, dominando e superando, entre os seus membros, os fatôres todos de separação e incompreensão enquanto “filhos do Homem”, para torná-los, em definitivo, Filhos de Deus.

A emprêsa tem um roteiro e um processo. Logo, um ponto de partida. Poderemos determiná-lo? Sim. Se se trata de entendimento para que se torne possível implan- tar livremente a ordem universal, a ordem perpetuada na cooperação e mútua ajuda, insta que no seu seio a fra- ternidade não seja uma palavra vã, mas uma realidade viva e santa. E então, o primeiro dos imperativos, a pri- meira das condições para que a Humanidade possa trilhar

o caminho que a vai levar “por cima das nuvens”, *ad astra*, é que disponha, e se utilize a pleno efeito, do instrumento que lhe permita, na verdade e na beleza da perfeição, aquêlê entendimento inauferível. E êsse instrumento — vô-lo disse o bom-senso, que a razão e o idealismo inspiram e iluminam — é o Esperanto.

Ora o idealismo verdadeiro, o idealismo que não consente em ser o pseudônimo da fantasia e da ilusão, é acima de tudo o espírito prático. É o Espírito de Realidade e de Realização. Tanto vale dizer, o Espírito de Vida.

O IDEALISMO DOS FLUMINENSES

Sempre foi êsse o idealismo dos Fluminenses. Sob as mais variadas maneiras aqui flamejou êsse idealismo puro, êsse idealismo perfeito, como entusiasmo realizador. Ergueu-o e conduziu-o uma plêiade luminosa de nobilíssimos filhos desta Terra, que nos seus fastos lhes marcou, indelêvelmente, os nomes e as épocas, em letras de ouro.

Aquelas inesquecíveis e luminosas figuras fluminenses, incendiadas pelo Idealismo, trabalharam, lutaram e sofreram, cada uma a seu turno e a seu modo, por aquela forma do Bem que melhor sentiu ou compreendeu. E tôdas juntas não quiseram outra coisa senão, em suas diretrizes mais puras, o progresso, o aperfeiçoamento e a ascensão espiritual da sua terra e da sua gente. Para tanto trabalharam com elevação de alma e incansável labuta, sob a inspiração dos mais generosos sentimentos de confraternização nacional e fraternidade universal.

Essas representativas figuras, em longa, longuíssima teoria, perpassam-nos no espírito quando pensamos na visão do bem e do belo, no ideal, em suma, que as moveu. E que empolgante panorama humano! Marcam-no luci-lações mais vivas, aqui e ali, assinalando os campos, variadíssimos, tão carinhosamente cultivados pelos que tiveram a ventura de nascer nesta terra abençoada.

Evocando a paisagem que em nosso espírito reflete o Idealismo Fluminense, vejo-a com a imagem humanizada de u’a caudal mística, tal como o Gênesis a descreve. Ela brota e mana naquele ponto em que se encontra a “Árvore da Vida”, cujas raízes marcam o centro do jardim, ao homem destinado, “desde o princípio”. Aquêlê veio vivífico dali saía e avolumava-se “para regar o paraíso”. E por isso mesmo “dali se divide em quatro braços” para encher de vida e frescura as paragens de espiritual encantamento surgidas no plano mais alto do mundo.

Para que em seu seio a vida humana se expandisse, na riqueza infinita de seus mistérios e de suas virtualidades maravilhosas.

Vejo as três torrentes indicadas, em expressivo simbolismo, pela feição particular das regiões que elas demandam. E vejo também, à parte, aquela que se caracteriza pela tríplice riqueza — em ouro, que é “ótimo” (o melhor que se possa encontrar como o “ouro da Vida”, — deve ser êste o sentido das Letras Sagradas) e mais os tesouros complementares e não menos excelentes, do “bdélio” e do “ônix”.

E se assim as contemplo em já bastante larga perspectiva histórica, eis que logo as identifico.

Em primeiro lugar, o curso movimentado das atividades práticas especializadas. Na sua paisagem espiritual perpassam, em ronda numerosíssima, silhuetas de luz. Algumas delas, entretanto, prendem-nos irresistivelmente a atenção, em cenários bem caracterizados. O primeiro dêles é o da medicina e das ciências naturais, onde vemos inscritos os nomes de Álvaro Alvim, Benjamim Batista, Chapot-Prevost, José de Saldanha da Gama, Silva Santos. Além é o da várzea serena e tranqüila do direito, da magistratura e da diplomacia. Diviso ali os vultos de Antunes Figueiredo, Domício da Gama, Josino do Nascimento Silva e Silva Marques. Mas se o olhar se espraia até os domínios da engenharia e da economia, comprazemo-nos em distinguir as personalidades marcantes de José Carneiro da Silva, Francisco Belisário, Saturnino de Brito, Joaquim Huet de Bacelar e do Barão do Pati do Alferes. Para as bandas agitadas do jornalismo, da política, da historiografia, da crítica teatral e da oratória, refulgem as figuras de Quintino Bocaiúva, Castro Menezes, Érico Coelho, Figueiredo Pimentel, Alcindo Guanabara, Sebastião de Lacerda, José Carlos Rodrigues, Lopes Trovão, Rangel Pestana e tantos outros. E naqueles planos banhados de luz mais suave, onde distinguimos melhor os traços da bondade humana expressa em apostolado educativo, leigo ou religioso, curvamo-nos diante das figuras austeras de Alberto Brandão, Felisberto de Carvalho, João Koepke, Matoso Maia Forte e Monte Pascoal.

Procurando a linha do horizonte numa segunda direção, agora no quadrante das Atividades Criadoras, mais numerosas e mais irisadas são as cintilações que se destacam na paisagem contemplada. Uma plêiade imensa se destaca nos domínios da criação estética, tendo por instru-

mento a poesia e a prosa literária. O olhar enternecidamente contempla as poetisas Narcisa Amália e Júlia Cortines, e uma linhagem brilhantíssima de poetas e prosadores. Seus nomes — Fagundes Varela, Raul de Leoni, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Casemiro de Abreu, Joaquim Manoel de Macedo, Lúcio de Mendonça, Osório Duque Estrada e Raul Pompéia. Nas artes plásticas, o olhar perdido e sonhador, buscando os arcanos da imaginação criadora, lá se sucedem Batista da Costa, José Leandro de Carvalho, Antônio Parreiras. Mais adiante, naquela paisagem trepidante acolá, reconhecemos o teatro, com João Caetano e Leopoldo Fróes. E em contraste vivo, nos domínios suavemente ondulantes da música, o olhar se detém nas figuras criadoras de Oscar Guanabarro e Manoel Joaquim de Macedo. Um pouco avante, envoltas em tons austeros, divisamos as paragens da ciência, dos estudos sociais e da história; na sua extensa e empolgante galeria, destacamos facilmente Antônio Cardoso Fontes, Ezequiel Dias, Francisco Fajardo, Antônio Joaquim de Macedo Soares e Oscar Macedo Soares, Oliveira Viana. E ainda João Maia, o precursor desta grandiosa idéia-fôrça — o municipalismo —, que vai mover os destinos do Brasil; à sua ilharga, eis que se sucedem vultos de magnífica grandeza: Gustavo Peckolt, Pereira Barreto, Pereira da Silva, Barão de Teffé, João Vinilli, Teixeira Brandão. Ainda no mesmo quadrante, mas no altiplano das cogitações filosóficas e religiosas, dois luminares solitários — Miguel Lemos e o Padre Júlio Maria.

Rondando a vista para o terceiro vale das Águas Vivas, oferecem-se à nossa contemplação as viris personalidades que encarnaram as virtudes fortes dos condutores de homens. E que é que vemos nessa galeria de “líderes”? No idealismo voltado para Deus ou para a sociedade, como ação leiga ou ação religiosa, logo nos ferem a vista o Bispo Azeredo Coutinho, José do Patrocínio, Silva Jardim. Comandando movimentos poderosos de ação prática ou de pensamento, criando padrões inéditos na administração ou na diplomacia, distinguimos Salvador de Mendonça, Pereira Passos, José Tomás da Porciúncula, Sampaio Correia, Teixeira de Melo, Clodomiro Vasconcelos. No comando militar, em luminescência avermelhada, as fulgentes figuras, primeiro, de Ararigboia, o leal, denodado e nobre indígena, e, de imediato, a fronte culminante do Duque de Caxias, seguido do Brigadeiro Nóbrega, do Almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama. Na direção política e go-

vernamental, a nossa admiração se detém diante de Andrade Figueira, de Benjamin Constant, do Visconde de Itaboraí, de Paulino de Souza, de Bento Pereira, de Alberto Torres, do Visconde do Uruguai. E ainda, como enérgicos dirigentes políticos, Alfredo Backer, Nilo Peçanha, Raul Veiga, Feliciano Sodré.

Mas eis que a visão se vai alongando, até atingir aquê-
le vale maravilhoso em que se assinalam as riquezas sublimadas, de triplice preciosidade. Altaneiras nos contemplam figuras de excelsa grandeza. Ali vemos Elói Andrade, Henrique de Beaurepaire Rohan, Euclides da Cunha, Joaquim Oliveira Machado, Raul da Silva Araújo, Firmino Rodrigues da Silva, Simões Correia. Mas — que vejo? — entre êstes lá está uma refulgência ímpar. A nós, Esperantistas, atrai irresistivelmente. A despertar-nos particular emoção. Quem é? Por último, mas dos maiores, e que ao coração mais se nos prende, Everardo Backeuser...

Êsse rápido e abreviado perpassar dos olhos d'alma por sôbre a fascinante paisagem dos nossos valores de ação prática, de cultura, de comando, ou de múltiplas facêtas, onde se ostenta, em tôda a pujança dos seus matices espirituais, o magnífico Idealismo Fluminense; essa visão, que algo recuamos no tempo para obter perspectiva comum a todos os nossos olhares, possui realmente uma fôrça mística que nos empolga o espírito. Apodera-se-nos da mente e enternece-nos o coração. E nos dá confiança inquebrantável no vigor mental e moral da nossa Gente. Contemplando essas nobres vidas, a geração atual, e as que hão de vir, encontrarão os mais vigorosos estímulos e padrões de rara beleza.

A AÇÃO ESPERANTISTA FLUMINENSE. O IDEALISMO PESSOAL QUE A LANÇA E O IDEALISMO OFICIAL QUE A PATROCINA

Vós, porém, Senhores Membros da Primeira Convenção Esperantista Estadual, tendes o direito de realizar uma escolha, uma preferência que valha como motivo de inspiração. Entre êsses Idealistas todos que acabamos de invocar, cabe-nos tomar um nome, que vos seja um guia, um paraninfo espiritual, alguém cuja lembrança vos seja uma constante inspiração e um estímulo poderoso. Porque sòmente no culto de uma evocação é que se levantam e se mantêm, ativos e fortes, os generosos ideais como êste, que tanto vos comove, exalta e arrasta, congregando-vos

para a mais bela das jornadas históricas, levando-vos irresistivelmente para o bom combate em prol da mais generosa das causas. Pois se careceis dessa figura, dêsse nome simbólico, aí o tendes. E' o último que citei, o que mais de perto nos toca e toma por isso mesmo o primeiro lugar. E' a figura consular de Everardo Backeuser. O homem que venceu, no seu mais belo sentido, o bom combate da vida. Sofrendo, lutando, ensinando, confessando, corrigindo...

Quanto, meus Senhores, deve a cultura fluminense, e em especial o Esperantismo, aqui, e em todo o Brasil e na América, a Everardo Backeuser! Engenheiro notável, cientista de fôlego, pesquisador incansável, geógrafo de vasto, profundo e original saber, sociólogo arguto, professor emérito, educador e educacionista entre os mais cultos, político no alto sentido da palavra, e, também, filósofo e filólogo. Tudo isto, para só citar as facêtas do espírito que, em sua personalidade de escol, mais me moveram a admiração, êle o foi de forma alta, corajosa e magnífica. Mas um mérito exclusivo e particularíssimo ainda teve êle. Como "Idealista" — que êle o foi acima de tudo —, faz-se o pioneiro, o grande paladino do Esperanto nestas plagas que surgiram para a civilização nos primeiros albores da vida nacional. A êsse título de benemerência, que a êle há-de levar com justiça o vosso reconhecimento, só se pode comparar um outro, que também é bem seu, e bem digno dêle, e igualmente avulta pela grandeza ética. O da sua conversão religiosa. Porque quando Backeuser se tornou católico, fê-lo com beleza moral extraordinária, pondo fora todo o respeito humano, fazendo públicamente sua profissão de fé em solenidade memorável, realizada na vossa tradicional matriz colocada sob a invocação daquele que veio preparar "os caminhos do Senhor".

O gigante da cultura, do idealismo e da espiritualidade fluminense, que foi Backeuser, tornou-se assim um dos mais operosos pioneiros da propaganda esperantista no Brasil. Haviam decorrido apenas dezenove anos, a partir do aparecimento do Esperanto na Europa, em 1887, e apenas um ano após a realização do Primeiro Congresso Universal de Esperanto, em Boulogne-Sur-Mer, quando Everardo Backeuser fundou nesta Capital o "Niteroj'a Klubo". Era uma das três primeiras associações esperantistas aparecidas em terra brasileira, tôdas elas fundadas naquele mesmo ano de 1906.

Acontecimento sócio-cultural de grande beleza e relevo foi a posse da primeira Diretoria do "Niteroj'a

Klubo”, de que foi Backeuser o primeiro Presidente. Realizou-se a solenidade no Teatro João Caetano, seguida de memorável hora de arte.

Ora, meus Senhores, se tendes diante dos olhos êsse exemplo vivo e magnífico do “idealista” atuante e realizador, que foi Backeuser, exemplo que é um convite ao denôdo e ao devotamento para o vosso próprio idealismo, por outro lado também tendes motivos para confiar em que não vos faltará, da parte dos poderes públicos, a assistência e o apoio necessário para que a vossa generosa iniciativa ganhe relêvo e perspectiva no julgamento e na estima do nosso Povo.

A êsse ângulo, também, anime a vossa fé o augúrio feliz de acontecimentos altamente significativos.

O Govêrno do Estado do Rio de Janeiro foi o primeiro no Brasil a promulgar ato legislativo em favor do Esperanto. O expressivo acontecimento teve lugar quando a lei n.º 1 162 facultou o ensino da Língua Auxiliar Internacional nas Escolas, e atribuiu nota de merecimento, para efeito de promoção em cargos públicos, ao conhecimento do Esperanto.

E agora, que se vê?

O idealismo dos vossos governantes em ação. Encontrou eco nos meios oficiais esta comovente iniciativa do vosso entusiasmo. Tanto da parte do Govêrno do Estado, quanto da parte dos Governos Municipais, a começar pelo de Niterói. Do seu aplauso e da sua solidariedade faz-se testemunho e penhor ao mesmo tempo, a presença em vossa Convenção das mais destacadas figuras do Poder Público.

E está em marcha a bandeira levantada por Backeuser, e homenageada pelos vossos governantes...

Mas com esta nota característica que nos convida à reflexão, nos move à confiança, nos afirma não serem efêmeros os vossos esforços. É a feição universalista, de confraternização sem barreira alguma, do ponto-de-vista tanto do pensamento, quanto do sentimento, em tórno do ideal de entendimento e ajuda mútua entre os homens, que assume esta generosa iniciativa. Aqui estão admitidos, sem nenhum preconceito, todos os matizes étnicos da nossa gente; aqui contemplamos, apertando-se mutuamente as mãos, figuras representativas de todos os credos; aqui nos regosijamos com a presença de tôdas as formas do espí-

rito associativo e de cooperação, despidas, em relação umas às outras, de qualquer exclusivismo ou sectarismo; aqui nos surpreendemos e nos rejubilamos com o comparecimento de tôdas as classes, de todos os quadros políticos, e de pessoas de um e outro sexo, sem discriminação de idade, e ainda de todos os graus de cultura; aqui exultamos com a solidariedade de tôdas as esferas, órbitas e órgãos do Poder Público. Em suma, também estão convosco a Imprensa, o Rádio, as Igrejas, a Maçonaria, o Espiritismo, o Positivismo, os Partidos, as classes Armadas, os Trabalhadores de tôda a espécie, os Idealistas de tôdas as categorias, os Homens de Ação e os Homens de Negócios em todos os setores de atividade: Todos. Sem nenhuma acepção particularista, comungando no mesmo ideal de fraternidade, o mais universal e o mais belo que o pensamento possa conceber e ao coração seja dado cultuar.

Que mais se poderia desejar? Que mais é preciso para dar a perspectiva histórica e significação transcendente a esta vossa iniciativa, colocando-a sob o signo da vitória?! ... Nada. Basta que se lhe assegure continuidade e alargamento de objetivos. Como dizia o Poeta — “criar, crescer, subir” ... Porque esta causa que fazeis vossa porque de fato ela é a causa das criaturas de Deus que sentem em si um coração capaz de conter o mundo todo e de pulsar sob a “boa-vontade” que até aos Céus faz violência, — vai ser, há de ser, a causa do Ideal que aspira à comunhão de sentimentos e de propósitos no seio da família humana, em face do Bem, da Verdade e da Beleza, para a ventura de tôdas as Nações da Terra.

Ide, pois, Caminheiros Fluminenses do Ideal. Caminhai infatigáveis na direção desta solitária mas magnífica Estrêla que escolhestes para o vosso Norte. Mas conduzi o vosso Ideal levando convosco “a fé que transporta montanhas” ... A vitória é vossa. E essa vossa vitória será também a “Esplendente Vitória” da Humanidade, voltada de novo para as Fontes da Vida. Vitória sôbre as fôrças sinistras da separação, que só geram o ódio e a morte; vitória que firmará a perenidade do Amor Triunfante, que move “o Sol e tôdas as Estrêlas”...

Não vos é lícito temer o futuro. Tão generosa foi a semente, e tão fecunda a gleba em que se plantou, onde suavemente correm, fertilizando-a como no Eden, as quatro caudais do idealismo dêste povo, representadas naquelas figuras há pouco invocadas; tão bem se uniram, aqui,

para os mistérios da vida e do destino, a semente e a terra, a mão dos que semearam com as mãos propiciadoras, que a árvore frondosa e acolhedora — onde hoje pousam e descansam e se abrigam “as aves do Céu” — êsse idealismo incansável, vem agora e aqui oferecer ao Brasil e ao Mundo êstes frutos opimos da sua seiva maravilhosa.

Idealistas e homens de ação, ao mesmo tempo, vós, Senhores, que tendes a compreensão exata de tudo quanto exige dos Esperantistas a nova Idade cujo “sêlo” já foi rompido no Livro da Vida, tendes a certeza — esta gloriosa certeza — de que é chegado o tempo de moldar e esculpir o ideal acariciado, na matéria plástica da realidade histórica.

Sim. De ação é que se trata agora. Agir, entretanto, implica deliberação e compromisso. Ê vontade realizadora em marcha. Já passou o tempo da especulação teórica; o que os novos tempos pedem é a especulação prática, é o esforço realizador. Realização bem planejada; e ainda melhor dirigida. Ê todo um sistema de vínculos, de compromissos, de propósitos, que ponha em movimento a ação imediata, pertinaz, eficiente. A vossa hora é a hora de preparar, instruir e lançar ao seu belo destino a geração dos que venham, afinal, “viver” a prática do Esperanto, falando-o e escrevendo-o correntemente. Entre os soldados da legião que ora se prepara, e já estais mobilizando para a nova Cruzada, fôrça é que haja uma “ordem de formação” e uma “ordem de marcha”. Mas essa ordem só pode surgir de formais compromissos mútuos, que é preciso configurar e firmar. E outra cousa não pretende, ó meus Amigos, o empolgante Conclave em que vos ides encerrar. Para isso vos deixareis fechar por dois dias na “tôrre de marfim” do vosso formoso ideal; e sereis animados e ajudados pelo devotamento e pela fé inquebrantável de Mario Ritter Nunes, o incansável Secretário da Liga Brasileira de Esperanto, êle também fluminense, êle também legionário dêste Exército da Boa Vontade que o Brasil já formou e alinhou, em trincheiras sem número, para o bom combate que obedece ao surpreendente “grito de guerra”: “Todos os homens são irmãos”. E por êsse fanal vos deixareis conduzir... Mas de modo especial; a serviço da mais bela, mais fecunda e mais prática das realizações em que possa pensar e empenhar-se o Mundo neste momento: — *o uso universal e popular do Esperanto.*

O ESPERANTO E A ESTATÍSTICA

Para reconhecer e proclamar a beleza, a oportunidade, a coerência e o idealismo da vossa Primeira Convenção Esperantista Fluminense é que aceitei a alta honra de vir a esta solenidade pronunciar as suas afirmações inaugurais. Tenho como certo que fizestes mal em desejar que fôsem as minhas palavras as que iniciassem os vossos trabalhos; êles mereciam algo de muito melhor que o que vos pude oferecer. Mas fizestes muito bem em contar com o meu idealismo; que êle viria de bom grado ombrear com o vosso, como expressão comum do idealismo fluminense. Pois êste é o Estado em que nasceram a minha Espôsa e os meus Filhos, e onde vivi os melhores anos da minha vida; aquêles em que a mim mesmo tracei os rumos definitivos, na mais íntima comunhão com esta vossa encantadora mentalidade, segundo a qual procurei modelar a minha própria, numa como naturalização desejada e realizada pelas afinidades assim do espírito quanto do coração. E por isso aqui me tivestes, possuído por uma das alegrias mais gratas, a alegria imensa de tudo isso recordar. Recordar e sentir-me em comunhão convosco, nesta hora emocionante que vai reproduzir entre vós, os que formais o setor fluminense do esperantismo brasileiro, o milagre da multiplicação dos pães. Porque, partindo de tão pouco, e pela vontade ainda de bem poucos, tanto e a tantos quereis levar o estímulo, o motivo de fé e, sobretudo, a fôrça da Esperança, para que no mundo prevaleça o que é a prerrogativa mais alta da natureza humana — a fraternal solidariedade.

Contudo, o coração me diz que ainda um outro motivo, cheio de delicadeza, tivestes para a escolha do vosso orador. Tenho orgulho em dizer que sou um “esperantófilo” incondicional — senão o “Esperantista” ótimo que desejaria ser. E a essa causa — a meus olhos uma causa santa entre as mais santas — tive a ventura de dar, trinta anos já são passados, tôda a minha fé e todo o meu entusiasmo. Todavia também fui, sem descontinuidade durante êsse mesmo lapso de tempo, — e é isso o que a vossa gentileza não esqueceu por certo — um soldado da Estatística. E se na minha inteligência e no meu coração, Esperanto e Estatística estiveram sempre presentes, a verdade é que a Estatística Brasileira, de que fui o servidor mais humilde, — e graças à nunca assaz exaltada iniciativa de Bulhões Carvalho e Medeiros e Albuquerque — havia acabado de

“adotar” o Esperanto — rasgo de compreensão e confiança que tanto honra a cultura do Brasil — como seu idioma auxiliar, a quando, em 1908, lhe bati à porta, instando por que me fôsse concedido o mais modesto lugar entre os seus legionários. E tive a ventura de vê-las — a linguagem da Esperança e a linguagem da Objetividade —, a partir de então sempre unidas, sempre amigas, companheiras inseparáveis, mutuamente se dando ajuda e estímulo, uma levando consigo a outra, em sua difusão mundial em busca da universalização que para ambas é a própria razão de ser. Estarei sendo bem claro, meus Amigos? Sim, bem me compreendeis. E haveis de crer-me, porque “Meninos, eu vi”, como dizia o velho Timbira, no formoso poema de Gonçalves Dias. Acompanhei e participei dos bem sucedidos esforços que foram feitos para que, de um lado, o universalismo do Esperanto ajudasse a divulgação mundial da Estatística do Brasil, e do outro lado, os recursos da Estatística Brasileira, por força de sua natural tendência à mais larga expansão possível, fôssem postos à disposição da causa esperantista no propósito de ajudá-la a vencer os primeiros passos de sua propaganda e a demonstrar ao mesmo tempo a sua utilidade, beleza e aptidão, como intérprete e vulgarizadora em um dos domínios comuns à técnica, à ciência e à política, que mais fundamentalmente interessam a organização próxima da República do Mundo...

E por sentir que pensastes nessa dupla vinculação, como trabalhador das duas searas, a do Esperanto e a da Estatística, é que me dou ânimo, que de outra forma talvez me faltasse, para me fazer aqui o intérprete dos brasileiros todos — e já somos legião — que operam a favor de uma e outra daquelas duas incomparáveis forças do espírito humano, que ora unidas às demais formas do idealismo se empenham em edificar a soberba catedral onde não tarda se ergam, profundas e dominadoras, as vozes do futuro, para cantarem em uníssono o “Te Deum Laudamus” pela vitória definitiva da paz entre os Homens-de-Boa-Vontade.

APLAUSO, AGRADECIMENTO E AUGÚRIO

Digo-vos, pois, isto. Há outros brasileiros, não fluminenses, que vivem sonhando e lutando por um mundo melhor. Um mundo de harmonia social, de sinceridade e de trabalho fecundo pelo bem comum. Esse mundo há-de

ser construído sobretudo pelo Esperanto, como o Verbo das Nações — e de certo modo, “verbo universal” —, mercê do entendimento e da compreensão a que êle levará fatalmente todos os homens na empresa generosa da paz mundial. Na sua construção, porém, também trabalha a Estatística, que dá o Pêso, o Número e a Medida com que o Verbo se faz “a carne do Mundo” e a tudo vivifica segundo essa mesma medida, êsse mesmo número e êsse mesmo pêso, como se lê nos Livros Sagrados. Pois bem. Todos os vossos irmãos, filhos de outros rincões do Brasil, que também nos damos como fanal essa labareda que se levanta e marcha nos “caminhos do Senhor”, inundando-os de luz, de chama, com o calor do ideal generoso da felicidade na terra para todos os homens, sem exclusão de um só, sentimo-nos felizes e orgulhosos com o vosso exemplo. E por isso vos trazemos — ó fluminenses que compreendeis a verdadeira beleza da Vida, — os aplausos mais vivos e as expressões mais cálidas de entusiasmo e de fé em vossos propósitos tão ricos de Esperança, e a mais não poder, pródigos de Amor. Porque vos vemos aqui voltados corajosamente, na sucessão de jornadas que não terão conta, para o esforço de cada dia, para a labuta indefessa, que queira, possa e vá fazer verdejar, florescer e frutificar, depressa e lindamente, a seara dos nossos sonhos...

Abençoados sejam, Senhores Convencionais, os vossos sacrifícios, que tendem para tão alto. E fartamente vos recompensem as messes que haveis de ceifar. De uma cousa sei, e felicito-vos por isso, *toto corde*. De imediato pensais em dar-vos como palavra de ordem, a difusão popular do Esperanto, em todos os Municípios e distritos do Estado, por obra principalmente da Escola. Como? Mercê do idealismo do seu nobre Magistério. Desejais que os vossos educandários infantis abriguem, banhados pela luz da Esperança e aquecidos pelo ideal da juventude em flor, a alacridade graciosa das nossas crianças, ensaiando a exultação das nobres conquistas, no convívio dos núcleos ou clubes esperantistas escolares, onde se inicie o uso popular da formosa linguagem que vai dominar o mundo pela fraternidade e transmudar o rumo sombrio do seu destino, voltando-o para o potente polo magnético da Grande Realização. E sinto-me também particularmente feliz por ver que admitis entre os vossos objetivos mais imediatos, a expressão da vossa solidariedade, o voto do vosso fervoroso idealismo, a favor do êxito de quanto ainda

certamente vai empreender a Estatística Brasileira em prol do uso imediato do Esperanto nas assembléias internacionais de natureza técnico-científica. A começar por aquela que entre elas se destaca pela sua finalidade ímpar, imenso prestígio e enorme alcance — os Congressos Internacionais de Estatística, em sua peregrinação mundial, em ritmo bienal, e dos quais o primeiro em plagas sul-americanas se realizará em nossa “heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, no “ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo”, de 1955...

Meus Senhores:

Antes de terminar.

Pensando nos idealistas que conduzem e propagam com tanto denôdo, pureza d'alma e pertinácia, a generosa causa do Esperanto, que é, não apenas a causa da compreensão universal, mas também a da concórdia e fraternidade dos homens como verdadeiros filhos de Deus, vêm-me ao espírito as palavras proféticas do Apocalipse, onde em forma tão enigmática e tão cristalina ao mesmo tempo está anunciada — e certamente a profecia tem sempre um sentido de iluminação e confirmação para os que conduzem os acontecimentos — a história do Gênero Humano, desde a sua regeneração em Cristo, até o fim dos tempos.

Quereis recordar comigo o que nos diz o Apóstolo Profeta — aquêle “a quem o Senhor amava”? Pois ouçamo-lo, sob a emoção, o arrepio e o frêmito que nos deixa sempre, nas grandes horas, a “passagem do Espírito”.

Lá está no Capítulo VII, onde se fala do momento em que a “Visão” revelou a “grande multidão de escolhidos” depois de quebrados os seis primeiros dos Sete Selos:

“9. Depois disto, vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de tôdas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam em pé diante do trono, e diante do Cordeiro, revestidos de vestiduras brancas, e com palmas nas suas mãos;

10. e clamavam em voz alta, dizendo: a salvação (deve-se) ao nosso Deus, que está sentado sôbre o trono, e ao Cordeiro.

11. E todos os anjos estavam de pé em volta do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se sôbre os seus rostos, ante o trono, e adoraram a Deus;

12. dizendo: Âmen. Bênção, e claridade, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e virtude, e fortaleza ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Âmen.”

Mas prossegue o Apóstolo Vidente, transmitindo-nos a sua “Mensagem”:

“13. Então um dos anciãos, tomando a palavra, disse-me: Êstes, que estão revestidos de vestiduras brancas, quem são, e donde vieram?

14. E eu disse-lhe: Meu Senhor, tu o sabes. E êle disse-me: Êstes são aquêles que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos, e os embranqueceram no sangue do Cordeiro.

15. Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo; e o que está sentado sôbre o trono, habitará sôbre êles;

16. não terão mais fome nem sede, nem cairá sôbre êles o sol, nem calor algum;

17. porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os guardará e os levará às fontes das águas da vida, e Deus enxugará tôda a lágrima dos seus olhos.”

E eu digo a vós, que vos achais “revestidos de vestiduras brancas”, e que tendes “palmas nas mãos” em vez de gládios, — eu vos digo: “quem tiver ouvidos para ouvir, ouça”...

Meus Senhores!

Está concluída minha missão. Só me resta manifestar-vos também, de envolta com as congratulações mais fervorosas pela significação social, cultural e humana do vosso admirável certame, meus agradecimentos.

E que, meus Senhores, aquela Maternal Auxiliadora, que nos contempla ali do alto da colina de Santa Rosa, abençoe e torne fecundos os vossos propósitos, os vossos trabalhos, a vossa dedicação a bem do mais augusto dos ideais humanos, conforme o testemunho altíssimo — lançado há mil e novecentos anos — que acabo de invocar. A êsse formosíssimo ideal — o ideal da Paz abraçada à Justiça, no “Reino da Verdade”, sob o signo do Verbo Universal, dai — dai generosa e infatigavelmente — o que de melhor tiverdes no espírito e no coração. Para a tranquilidade, a alegria, a dignificação e a felicidade do Gênero Humano. Por obra do “Espírito”, que terá, assim, e afinal, “conquistado o Mundo”.

Que o vosso ideal “brilhe e fulgure”, como aquela estrela solitária — “lágrima da noite” — do vosso grande Poeta, no “Cântico do Calvário”; e não mergulhe nunca “nas ondas nebulosas do ocidente”... Sim. Refulja sempre... e realize, afinal, o grande milagre. Conforme o anseio sem limites da vossa generosidade; levando ao zénite os destinos humanos, tal como o desejam os vossos enternecidos e iluminados corações.
